

**2º Seminário  
de Extensão**  
da Universidade Fumec  
10 a 12 de maio de 2005



**Caderno de Artigos 2004**



# 2º Seminário de Extensão

da Universidade Fumec

10 a 12 de maio de 2005

## Caderno de Artigos



Ficha Técnica – Caderno de Artigos – 2º Seminário de Extensão da Universidade Fumec

Organização e avaliação dos textos

CoExt/Fumec: Prof.<sup>a</sup> Renata de Souza Guerra, Prof. Eduardo Chahud, Prof. Emerson Tardieu A. Pereira Jr., Prof. Emiliano Vital de Souza, Prof.<sup>a</sup> Sandra Maria das Graças Maruch Tonelli.

Secretária: Cristiane Patrícia de Paula Santos

---

## CONSELHO DE CURADORES

Av. Afonso Pena, 4.171  
Bairro Mangabeiras  
CEP 30130-009  
Belo Horizonte - MG  
Tel. (31) 3227-5100  
Fax (31) 3227-5995  
www.fumec.br  
fundacao@fumec.br

### CONSELHEIROS EFETIVOS

Prof. Pedro Arthur Victor - Presidente  
Prof. Emerson Tardieu de Aguiar Pereira Júnior - Vice-Presidente  
Prof. Marco Túlio de Freitas  
Prof. Oswaldo Teixeira Baião Filho  
Prof.<sup>a</sup> Renata de Souza Guerra  
Prof. Ricardo José Bahia

---

## UNIVERSIDADE FUMEC

Rua Gonçalves Dias, 31  
Bairro Funcionários  
CEP 30140-090  
Belo Horizonte - MG  
Tel. (31) 3269-5200  
Fax (31) 3227-4266  
reitoria@fumec.br

### REITORA

Prof.<sup>a</sup> Romilda Rachel Soares Silva

### VICE-REITORA

Prof.<sup>a</sup> Maria Carmen Gomes Lopes

### PRÓ-REITORA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO

Prof.<sup>a</sup> Divina S. Lara Vivas

### PRÓ-REITOR DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Prof. Roberto Uchôa Costa

### SETOR DE EDUCAÇÃO MEDIADA POR TECNOLOGIA INTERATIVA (i-neti)

Prof. Paulo Henrique Vieira Magalhães (coord.)

SETOR DE EXTENSÃO - Prof.<sup>a</sup> Renata de Souza Guerra (coord.<sup>a</sup>)

SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA - Prof. Eduardo Martins de Lima (coord.)

SETOR DE REGISTRO E INFORMAÇÕES ACADÊMICAS - Ana Flávia Soares Silva (coord.) e  
Janet Miriam Lourenço (assessora)

### COMISSÃO PRÓPRIA DE AVALIAÇÃO

Prof.<sup>a</sup> Maria Helena de Oliveira Guimarães (coord.)

### COMISSÃO DE EXTENSÃO (CoEXT 2004/2005)

Prof. Eduardo Chahud

Prof. Emerson Tardieu A. Pereira Jr.

Prof. Emiliano Vital de Souza

Prof.<sup>a</sup> Renata de Souza Guerra

Prof.<sup>a</sup> Sandra Maria das Graças Maruch Tonelli

---

## FACULDADES DA UNIVERSIDADE FUMEC

### Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis de Belo Horizonte (FACE)

Diretor-geral - Prof. Antônio Eugênio de Salles Coelho

Diretora de ensino - Prof.<sup>a</sup> Maria da Conceição Rocha

Diretor-administrativo-financeiro - Prof. Dimas de Melo Braz

### Faculdade de Ciências Humanas (FCH)

Diretor-geral - Prof. Amâncio Fernandes Caixeta

Diretora de ensino - Prof.<sup>a</sup> Audineta Alves de Carvalho de Castro

Diretor-administrativo-financeiro - Prof. Benjamin Alves Rabello Filho

### Faculdade de Ciências da Saúde (FCS)

Diretor-geral - Prof. Paulo Roberto Henrique

Diretor de ensino - Prof. Amâncio Fernandes Caixeta

Diretor-administrativo-financeiro - Prof. Antônio Eugênio de Salles Coelho

### Faculdade de Engenharia e Arquitetura (FEA)

Diretor-geral - Prof. Paulo Roberto Henrique

Diretor de ensino - Prof. Luiz de Lacerda Júnior

Diretor-administrativo-financeiro - Prof. Márcio Dario da Silva

# Sumário

Apresentação ..... 6

Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Fumec ..... 8

## TECNOLOGIA, AMBIENTE E CULTURA

A logística reversa enquanto fator de reorientação da inovação tecnológica, dos aportes legais e éticos das empresas vis-à-vis ao desenvolvimento corporativo sustentado,  
*Prof. Wellington Gaia* ..... 14

O Sal da Terra - educação ambiental,  
*Prof. Eduardo Neto Ferreira* ..... 23

Utilização de resíduos sólidos da construção civil no projeto de habitações populares,  
*Prof.<sup>a</sup> Edna Alves Oliveira* ..... 28

## AÇÃO COMUNITÁRIA

Fumec/Cepep: projetos & cidadania,  
*Prof.<sup>a</sup> Andréa Lúcia Vilella Arruda* ..... 32

Oficina de recreação no projeto: "Menino no Parque",  
*Prof.<sup>a</sup> Vânia F. Noronha Alves* ..... 35

Projeto viver a bela Belô 2004,  
*Prof. José Henrique da Silva Júnior* ..... 40

Reforma psiquiátrica, cotidiano e cultura: os centros de convivência e a inserção social,  
*Prof.<sup>a</sup> Andréa Máris Campos Guerra*  
*Prof.<sup>a</sup> Maria de Fátima Augusto* ..... 42

## ACADÊMICO/PROFISSIONAL

Intervenção psicopedagógica na Escola Municipal Israel Pinheiro, <i>Prof.ª Carmen Cristina Rodrigues Schffer</i> <i>Prof.ª Valéria Barbosa de Resende</i> _____	44
Orientação psicopedagógica para os estudantes do 1º ciclo do ensino fundamental da escola municipal: uma abordagem lúdica para formação de valores morais, <i>Prof. Custódio Cruz de Oliveira e Silva</i> <i>Prof.ª Thaís Estevanato</i> _____	50
Projeto Desportivo sociocultural, <i>Prof.ª Licene França</i> _____	55
Psicanálise e saúde mental – um relato sobre a presença do Prof. François Sauvagnat na Universidade Fumec, <i>Prof.ª Lúcia Grossi dos Santos</i> <i>Prof. Sérgio Augusto Chaga de Laia</i> _____	56

# Apresentação

Prezada leitora, prezado leitor:

Em suas mãos, o 2º Caderno de Extensão da Universidade FUMEC.

Como caderno de extensão, é também o segundo passo, graficamente simbólico, na espaçosa avenida de mão dupla da extensão universitária, caminho longo a ser percorrido, em sintonia com a sociedade, pela comunidade acadêmica da Universidade Fumec.

A extensão tem caráter próprio: ela é ampla, diversificada, envolvente.

Incluindo desde canto coral, campeonatos desportivos e feiras temáticas, até intervenção em comunidades carentes e prestação de serviços comunitários, a Universidade Fumec abriu espaço em quatro vertentes:

- atividades esportivas;
- ação comunitária;
- apoio à cultura;
- atividades acadêmico-profissionais.

Abrangendo diversas áreas dos cursos de graduação oferecidos pela Instituição, as atividades extensionistas estimulam a prática interdisciplinar e o intercâmbio de conhecimentos. Desenvolve-se, com isso, o fluxo de informação entre os cursos. A Universidade se fortalece e, em sinergia, amplia esforços e resultados.

Este caderno documenta o esforço dos colaboradores para que a prática extensionista e seus resultados possam servir também de reflexão. Afinal, principalmente num país em desenvolvimento, uma universidade só se justifica plenamente pela sua participação transformadora.

Diversificada é a temática dos artigos como diversificada é a riqueza de possibilidades das atividades de extensão.

Espero que o leitor, ou a leitora, se emocione com a leitura dos depoimentos: emoção é o primeiro passo para qualquer mudança.

Boa leitura, bons fluidos, entusiasmo! Estamos produzindo...

Professora Romilda Rachel Soares Silva  
Reitora da Universidade Fumec

# Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão

A Universidade Fumec fundamenta sua prática nos princípios dos direitos da pessoa humana à educação integral, à cultura e à cidadania. Ao promover a extensão, aberta à participação da população, busca a difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na Instituição. Assim, visa contribuir para a transformação e construção de uma sociedade solidária, equânime e mais justa.

Por extensão universitária entende-se a prática acadêmica que articula o ensino e a pesquisa, e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade. É desenvolvida sob a forma de programas, projetos, cursos, eventos e prestação de serviços destinados à comunidade em geral.

As atividades de extensão universitária são voltadas para o objetivo de tornar o conhecimento de domínio da Universidade acessível à sociedade, seja por sua própria produção, ou pela sistematização do conhecimento universal. Tornar acessível o conhecimento existente inclui a produção de conhecimento sobre o próprio acesso ao saber. Pressupõe a caracterização das necessidades da sociedade e a identificação de problemas relevantes para a disseminação do conhecimento disponível e a produção do conhecimento novo.

Em 2004, por meio do Programa de Extensão – ProEx nº 02/2003 foram desenvolvidos 34 projetos, abrangendo atividades esportivas, ação comunitária, desenvolvimento da cultura e atividades acadêmico-profissionais. As atividades desenvolvidas perpassam o canto coral, os campeonatos esportivos, as feiras temáticas, a intervenção em comunidades carentes e a prestação de serviços comunitários. Cabe ressaltar a criação de revistas e jornais para divulgação do conhecimento produzido na Universidade e na sociedade.

As atividades extensionistas desenvolvidas abrangem as diversas áreas dos cursos de graduação da Universidade Fumec, estimulando a prática interdisciplinar entre os diversos saberes e o intercâmbio de conhecimentos da Universidade com a sociedade.

Este caderno traz a contribuição de professores que desenvolveram projetos extensionistas no ano de 2004 e que, a partir dos resultados alcançados, compartilham sua reflexão com os demais professores e alunos. Além de reforçar a riqueza de possibilidades das atividades de extensão, a experiência destes professores e alunos demonstra que a formação profissional não se restringe ao aspecto técnico, mas que complementa-se através do exercício da cidadania e do papel de agente transformador da sociedade.

## **PROJETO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE FUMEC**

### **1. Projetos Institucionais**

Coral Canta Minas

Coordenador: Lindomar Gomes

Desportivo Sociocultural

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Licene França

Festival de Corais

Coordenador: Lindomar Gomes

### **2. Projetos desenvolvidos nas Unidades**

1ª Feira de Turismo (FETUR) – Tema: Brasil

Coordenador: Prof. Marcos Antônio Nunes

Curso: Turismo

A logística reversa enquanto fator de reorientação da inovação tecnológica, dos aportes legais e éticos das empresas vis-à-vis ao desenvolvimento corporativo sustentado

Coordenador: Prof. Wellington Gaia

Curso: Administração

Biometria – reconhecimento de digitais

Coordenador: Prof. Paulo Henrique Vieira Magalhães

Curso: Ciência da Computação

Equipe de captação de núcleos de experimentação, criação, pesquisa e aplicabilidade em design

Coordenadores: Prof.<sup>a</sup> Cristina Abjaode Nascimento e Prof. Tarcísio de Campos Ribeiro Júnior

Curso: Design de Moda

---

Fumec/Cepep: Projetos & Cidadania

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Andrea Lúcia Vilella Arruda

Curso: Engenharia Civil/Arquitetura

II ciclo de palestras: encontros com o prazer de saber

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Rita Lages Rodrigues

Curso: Turismo

Intervenção Psicopedagógica na Escola Municipal George Salun

Coordenadora: Prof.<sup>a</sup> Carmen Cristina Rodrigues Schffer (Psicologia) e Prof.<sup>a</sup> Valéria Barbosa de Resende (Pedagogia)

Curso: Psicologia

Intervenção Psicopedagógica na Escola Municipal Israel Pinheiro

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Carmen Cristina Rodrigues Schffer, Prof.<sup>a</sup> Valéria Barbosa de Resende

Curso: Pedagogia/Psicologia

Máscaras – História, confecção e utilização

Coordenador: Prof. Tarcísio de Campos Ribeiro Júnior

Curso: Design de Moda

Oficina de Recreação no Projeto “Menino no Parque”

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Vânia F. Noronha Alves

Curso: Turismo

Oficina com adolescentes

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Sônia Maria de Araújo Couto

Curso: Psicologia

Oficina permanente – núcleo de designInox. Parceria Fumec - Acesita para a criação do instituto do inox em BH

Coordenador: Prof. Geraldo Dias Coelho

Curso: Design de Produto

“O Sal da Terra” - Educação Ambiental

Coordenador: Prof. Eduardo Neto Ferreira

Cursos: Engenharia Ambiental, Engenharia de Telecomunicações, Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Design

O Turismo da Terceira Idade na cidade de Belo Horizonte

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Elaine Porto Guimarães

Curso: Turismo

Orientação psicopedagógica para os estudantes do 1º ciclo do ensino fundamental da Escola Municipal Maria Silveira: uma abordagem lúdica para a formação de valores

Coordenadores: Prof. Custódio Cruz de Oliveira e Silva e Prof.<sup>a</sup> Thaís Estevanato

Curso: Psicologia/Pedagogia

Projeto de atenção aos Portadores de Necessidades Especiais

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Ana Heloísa Senra e Prof.<sup>a</sup> Tânia Aparecida Ferreira

Cursos: Psicologia

Projeto de construção de veículos urbanos movidos à energia humana

Coordenadores: Prof. Luís Severiano Dutra e Prof. Eliseu de Resende Santos

Curso: Design de Produto

Projeto de implantação do centro de implantação de tecnologia de construções industrializadas da Fea-Fumec

Coordenadores: Prof. Luís Antonio M. N. Branco e Prof. Oswaldo Teixeira Baião Filho

Curso: Engenharia de Produção Civil

---

Projeto Viver a Bela Belô 2004

Coordenador: Prof. José Henrique da Silva Júnior

Curso: Turismo e Hotelaria

Projeto Retralhos – Sol da Serra

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Gabriela Maria Ladeira Torres e Prof.<sup>a</sup> Cibele Navarro de Melo

Curso: Design de Moda

Recepcionista de eventos

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Elaine Porto Guimarães

Curso: Turismo

Reforma psiquiátrica, cotidiano e cultura: os centros de convivência e a inserção social

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Andréa Máris Campos Guerra

Curso: Psicologia

Restauração: técnicas de preservação em arquitetura

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Lívia Romanelli D'Assumpção e Prof. Otávio Nascimento

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Revista 1:1 Revista de arquitetura e design da Fea-Fumec

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Rita de Cássia Lucena Velloso

Curso: Arquitetura e Urbanismo

Saúde Mental e Psicanálise: um relato sobre a presença do Prof. François Sauvagnat na  
Universidade Fumec

Coordenador: Prof. Sérgio Augusto de Chagas Laia

Curso: Psicologia

Só quero ver o morro mais feliz

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Daise Menezes Guimarães

Curso: Engenharia Ambiental

Trilhas Urbanas II

Coordenador: Prof. Tarcísio de Campos Ribeiro Júnior

Curso: Design de Produto

Utilização de resíduos sólidos reciclados da construção civil no projeto de habitações populares

Coordenador: Prof.<sup>a</sup> Edna Alves Oliveira

Curso: Engenharia de Produção Civil

# A logística reversa enquanto fator de reorientação da inovação tecnológica, dos aportes legais e éticos das empresas vis-à-vis ao desenvolvimento corporativo sustentado

## EQUIPE

Professor Coordenador: Wellington Gaia  
Doutorado em Economia pela EHESS - Paris, Mestrado em Administração da Produção pela UFMG, Pós-graduado em Administração Pública pelo IIAP – Paris, em Administração de Empresas pela UFMG, em Planejamento Governamental pela UFMG e graduado em Administração de Empresas pela UFMG.  
Professor Luiz Eduardo de Mello Gomes  
Mestre com ênfase em Sistemas de Informação pela UFSC, Pós-graduado em Metodologia de Ensino do III Grau, Graduado em Ciências Contábeis, em Administração de Empresas e em Ciências Econômicas pela PUC-MG e em Processamento de Dados pela UFMG.  
Flávio Martins Pinto – 7º período do curso de Administração.  
Renata Drumond Pinto Coelho – 8º período do curso de Administração.

## OBJETIVOS

- Fomentar a conscientização ecológica e a responsabilidade social das empresas em relação aos excedentes de pós-consumo;
- Dar racionalidade ao fator ecológico no planejamento, operação e resultados da logística empresarial;
- Expor criticamente a cultura do consumo e, finalmente,
- Avaliar a implementação de programas ambientais, tendo por base os conceitos e fundamentos da logística reversa enquanto objetivo a ser perseguido na estratégia empresarial.

## RESUMO

A importância econômica da distribuição, seja sob o aspecto conceitual, mercadológico ou sob o aspecto do conceito operacional da distribuição física, revela-se cada

vez mais determinante para as empresas, tendo em vista os crescentes volumes transacionados decorrentes da globalização dos produtos e das fusões de empresas. A necessidade de se ter o produto certo, no local certo, atendendo a padrões de níveis de serviço diferenciados ao cliente e garantindo seu posicionamento competitivo no mercado, bem como assegurando valores éticos e ambientais, está fundamentado no desenvolvimento corporativo sustentado.

Conceber processos de produção e de consumo que utilizem melhor os recursos naturais não garante, stricto-sensu, a sustentabilidade preconizada. É preciso que as emissões e os resíduos que são gerados pela atividade industrial sejam tratados, reutilizados e reintegrados ao processo produtivo.

Nesse sentido, a logística reversa, uma nova área da logística empresarial, ao preocupar-se com o equacionamento do retorno ao ciclo produtivo dos diferentes tipos de bens industriais, de seus materiais constituintes e residuais, constitui-se um fator determinante na reorientação tecnológica das empresas, na sua afirmação ética, na alteração dos padrões vigentes de consumo, fundamentos explícitos do desenvolvimento sustentado.

O objetivo deste trabalho é discutir a importância da logística reversa como um dos fundamentos do desenvolvimento corporativo sustentado, a partir de experiências levadas a efeito pela Stola do Brasil S.A., no equacionamento dos aspectos logísticos do reaproveitamento de sucata industrial.

## PALAVRAS-CHAVE

Logística reversa, reintegração ao processo produtivo, meio ambiente, ética, tecnologia, desenvolvimento sustentado.

## INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos, a expansão acelerada da atividade industrial, associada à proliferação de novos produtos, padrões periculários de consumo e crescimento populacional, têm contribuído decisivamente para o aumento das emissões poluentes, produção de resíduos e dejetos industriais, com impacto negativo no meio ambiente e decorrente custo social.

Nesse contexto, a questão central resume-se em utilizar a logística reversa para reduzir os impactos negativos sugeridos e, por conseqüência, explicitar ganhos ou valores agregados decorrentes da reinserção dos bens degradados ao ciclo produtivo, garantindo maior competitividade ao negócio.

No âmbito dos interesses coletivos, além dos fatores de competitividade (perdas ou ganhos de diferenciais competitivos) no lado do empreendimento, a demanda final seria satisfeita com produto de “conteúdo ético” relevante, ao menor custo social possível.

É importante salientar a visão positiva das empresas quanto à necessidade de criação de valor, perenização dos seus negócios e melhoria de suas margens de lucro, através da utilização de meios adequados para fazer retornar os bens ao ciclo de negócios. Isto é, de uma forma geral, as empresas vêem na logística reversa uma importante ferramenta de aumento de competitividade e de consolidação da imagem corporativa enquanto estratégia empresarial, sobretudo a partir do “esgotamento” das estratégias tradicionais, o que faz com que elas privilegiem focos ainda muito pouco explorados. Apesar dos fluxos reversos serem tradicionais e imprescindíveis, já que as empresas sempre tiveram de dar uma solução para os resíduos de sua produção, seja por conveniências operacionais, pressões da coletividade, preservação da “boa” imagem corporativa e exigências legais, este estudo objetiva demonstrar que o aproveitamento de matérias-primas secundárias dos canais reversos, lato sensu, constitui, inequivocamente, uma atitude positiva face aos requisitos de competitividade, ética corporativa e preservação dos bens ambientais.

O trabalho de interesse foi organizado em função da experiência com o aproveitamento de sucata/retalhos industriais da Stola do Brasil S/A, localizada em Belo Horizonte - MG, cuja atividade está focada na produção de bens industriais, componentes automotivos, tendo com a Fiat sua principal relação de parceria. O contexto do projeto se insere no programa de extensão da Universidade Fumec.

## METODOLOGIA

Os dados foram coletados por meio de entrevistas, exame de documentos, observação de campo, visita às instalações operacionais da empresa referenciada, em intervalos quinzenais, de forma regular e sistematizada. Os profissionais entrevistados foram os chefes dos departamentos de interesse – operacional e logística. Vale ressaltar que os profissionais referidos foram escolhidos pela alta direção da empresa, sendo os mais familiarizados com o negócio, objeto de estudo. As atividades iniciais concentraram-se no conhecimento geral dos processos industriais, com ênfase na coleta, embalagem e transporte do material residual sucitado (retalho). Em seguida, várias entrevistas foram realizadas, colhendo-se informações, organizando, tabulando e criticando os dados obtidos.

Com a bibliografia básica e complementar já definida, o processo de contratação teórica foi iniciado, procurando-se determinar com precisão o fluxo reverso, os centros de trabalho correspondentes e por linhas de interesse, bem como preços e peso das peças e da sucata recolhida. Uma avaliação exaustiva dos dados resultantes foi desenvolvida a partir de inúmeras reuniões de trabalho entre o grupo da Fumec e os profissionais da Stola do Brasil S/A, determinando-se fluxos reversos por seção de estampa/centro de trabalho por linha de prensa, além de observação sobre valores – peso e preço –, gargalos eventuais e possíveis problemas e ambigüidades, sintetizados em relatório conclusivo. Vale ressaltar o conteúdo eminentemente empírico do método utilizado, tendo em vista o caráter, ainda incipiente, da logística reversa na Stola, o trabalho exclusivo de chão de fábrica na coleta, tabulação e crítica das informações e o período destinado ao projeto em questão.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Em 1971, William G. Zikmund e William J. Stanton, da Universidade do Colorado (EUA), utilizaram o termo “Reverse Distribution”, referindo-se à similaridade dos conceitos tradicionais de distribuição aplicados no sentido inverso da necessidade de recolhimento de materiais sólidos provenientes do pós-venda e pós-uso para a reutilização ou reinserção no sistema produtivo. O termo “Reverse Distribution Channels” foi utilizado pela primeira vez, em 1978, numa publicação da *California Management Review*, enfocando a questão de

reciclagem, suas vantagens econômicas e ecológicas, de autoria de Peter M. Ginter e Jack M. Starling. Mais tarde, em 1982, James R. Barnes utilizou o termo “logística reversa”, numa publicação do Journal of macro-marketing, determinando sua posição, cada vez mais expressiva, no que diz respeito à reintrodução ao ciclo de negócios de materiais reciclados e de reuso.

O principal objetivo de um canal reverso de reciclagem é reintegrar os materiais constituintes dos bens de pós-consumo, seja como substituto de matérias-primas primárias, seja na fabricação de outros produtos. O preço do material reciclado será formado pelo encadeamento de suas diversas etapas de comercialização ao longo da cadeia reversa, tais como, etapa da coleta, etapa do sucateio e etapa da reciclagem (Leite, 2003).

Para materiais recicláveis e em condições normais de mercado, o preço do material reciclado deve se manter abaixo da matéria-prima que substitui, permitindo o interesse em sua utilização (Penman e Stock, 1995). Uma diferença percentual entre esses preços deve ser mantida como regra de mercado, o que segundo estudos citados por Penman e Stock (1995), é, em média, de 25%.

Algumas economias podem ser plenamente alcançadas pela substituição de matérias-primas virgens por recicladas, tais como, energia elétrica e térmica, economia de componentes e economias obtidas pela diferença entre os investimentos em fábricas de matérias-primas primárias e matérias-primas recicladas (Leite, 2003).

Quanto à sustentabilidade, Ansoff (1978:30) menciona a crescente exigência dos consumidores quanto à responsabilidade após a venda por parte do fabricante, tornando-se menos dispostos a aceitar danos ambientais decorrentes dos processos produtivos.

A ampliação dos mercados, a proliferação de novos produtos e a obsolescência acelerada ressaltam as dificuldades prevalentes das sociedades em equacionar o desembaraço (excessos residuais de bens de pós-consumo) com os valores éticos e ambientais externalizados pelas sucessivas “ondas verdes”, fazendo conviver o desenvolvimento econômico e o meio ambiente (Lozada e Mintu-Wiwsatt, 1995:12).

Para a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, constituída pela ONU em 1991, “desenvolvimento sustentável é um processo de transformação no qual a exploração de recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a

fim de atender às necessidades e aspirações humanas”. É importante salientar as atitudes empresariais face ao meio ambiente, desde o cumprimento da legislação, por regulamentos e adequações às missões sociais até a reflexão estratégica como diferencial competitivo, analisando o ciclo de vida dos produtos, seus impactos ambientais, cujos compromissos passam, inclusive, pela adaptação de suas redes de suprimento e distribuição. Trata-se, na realidade, de agregar valor por meio da responsabilidade ética, desenvolvendo com visão sistêmica sua cadeia produtiva, cultivando um modus-taciendi empresarial comprometido com esses valores.

## **O Fluxo Reverso da Stola do Brasil S/A**

### *1- Descrição Sumária*

O Fluxo Reverso da Stola pode ser visualizado pelo caminho percorrido pelas sucatas (retalhos) produzidos na seção de estamparia. Esta é constituída pelas linhas 10, 20, 30 e 30-07, sendo a sucata (retalhos), desta última linha, recolhida na própria empresa. As demais são lançadas nas pontes rolantes que recebem esses retalhos do fluxo direto da estamparia. Das pontes rolantes à ponte estreita, todos os retalhos são encaminhados à empacotadeira e a sucata empacotada é vendida. As sucatas não empacotadas são também vendidas “in natura”.

Os canais de distribuição reversos (CDR) abrangem o uso após a venda, o ciclo de vida ampliado ou o retorno ao ciclo produtivo depois de extinta sua via útil. A venda e o reuso interno são CDR utilizados pela Stola. Quanto ao retorno de bens industriais com defeito, a Stola procura evitar o máximo, adotando medidas estreitas de qualidade total em todo os níveis de produção.

### *2- Fluxo Reverso por grupo (linha de montagem)*

Três grupos são relevantes na formação da sucata (retalhos): Grupo Stilo, Grupo Palio e Grupo Uno, cuja estamparia, consoante a descrição sumária referida, determinam os fluxos, em anexo.

### **Custos**

Uma questão fundamental, ainda pouco explorada na experiência vivenciada, é o levantamento dos custos associados ao fluxo reverso, tais como os custos diretos (máquina de prensa, esteira rolante e seus operadores), ou ainda, os custos indiretos (que não têm seu valor integral ligado ao fluxo reverso, mas uma porcentagem

ainda não definida). Tal hiato impede o conhecimento da margem de lucro da Stola com a venda da sucata. Não obstante o preço de venda da sucata seja definido pelo mercado, supondo-se que não haja prejuízo nessa operação, a apropriação dos custos referidos seria importantíssima para determinar os níveis de agregação de valor sugerido na distribuição reversa. É importante salientar que todo o custo de transporte é de responsabilidade do cliente.

#### Clientela

As sucatas empacotadas de valor agregado maior do que as sucatas “in natura” são vendidas para a Companhia Siderúrgica Belgo Mineira, por preço de mercado. Alguns retalhos eram vendidos para outras empresas, como, por exemplo, a Palomar; prevalentemente, a Stola iniciou um trabalho de classificação de retalhos, visando agregação de valor, paralisando as vendas para esse segmento, agora concentradas somente na Belgo Mineira.

## SINOPSE DOS RESULTADOS ALCANÇADOS

As tabelas anexas resumem os resultados alcançados pelo estudo sobre a distribuição reversa – canais reversos de reciclagem – da Stola do Brasil S/A. São distinguidos ao longo da observação os centros de trabalho de prensas (Stilo, Palio e Uno), fazendo constar por centro de trabalho, os pesos do blank, da peça e da sucata gerada, bem como os preços correspondentes. Tais informações relativizam a participação de cada grupo na formação da sucata gerada, dando uma idéia, embora ainda incipiente, das possibilidades de se agregar valor pela reclassificação dos retalhos (reutilização na seção de prensagem/estamparia).

Foram determinados os fluxos reversos correspondentes a cada grupo, distinguindo-se explicitamente as linhas de prensa, o peso por blank em cada grupo de prensas e o fluxo correspondente, inclusive os dois pontos de saída – um de sucata empacotada e outro de sucatas “in natura”. Nesse sentido, a cadeia de distribuição reversa pode representar as principais etapas desse fluxo, de forma clara e definitiva. Outras informações foram adicionadas, estabelecendo-se os níveis de contribuição por peso e por preço de cada grupo (Stilo, Palio e Uno) na formação da sucata final, separando-as graficamente por linha.

## AVALIAÇÃO CRÍTICA

Um conjunto de questões foi levantado a partir do exame dos dados obtidos trabalhados em função do referencial teórico e metodológico, sujeito, naturalmente, às limitações do tempo e do estado, ainda incipiente, dos canais reversos utilizados pela Stola. Pontos relevantes a serem considerados:

1- A Stola carece de estudos apurados que possam determinar os níveis de otimização passíveis de serem alcançados pela estamparia, tendo em vista economizar matéria-prima primária;

2- A classificação dos retalhos é inadequada, praticamente inexistente, com perdas substanciais de valor agregado, uma vez que não se distingue o “retalho nobre” da sucata, sua venda com preços diferenciados e sua reinserção nos canais de reuso.

3- A empacotadeira é limitada operacionalmente (capacidade e produtividade), fazendo com que um volume considerável de sucata seja vendido sem empacotar, ou seja, por um preço menor.

4- O aumento do volume de retalhos (material para o reuso) pode ser alcançado pela otimização da atividade de estamparia e melhor classificação da sucata.

5- Um estudo de custo/benefício poderia determinar com precisão as perdas decorrentes pelo não-empacotamento de “toda” a sucata, eliminando definitivamente a sucata “in natura”.

6- Vale ressaltar, finalmente, a necessidade de classificar a sucata produzida a partir das normas da ABNT – NBR 8746, NBR 8747 e NBR 8748, tendo em vista inferir uma série de aspectos importantes do canal reverso, contribuindo, até mesmo, para ampliar a agregação de valor pretendida.

## DISCUSSÃO

Os resultados deste trabalho devem ser interpretados levando-se em consideração o contexto do setor estudado (implantação de uma tecnologia ainda recente), a incipiência dos canais reversos encontrados na Stola, a inapropriada administração dos custos inerentes,

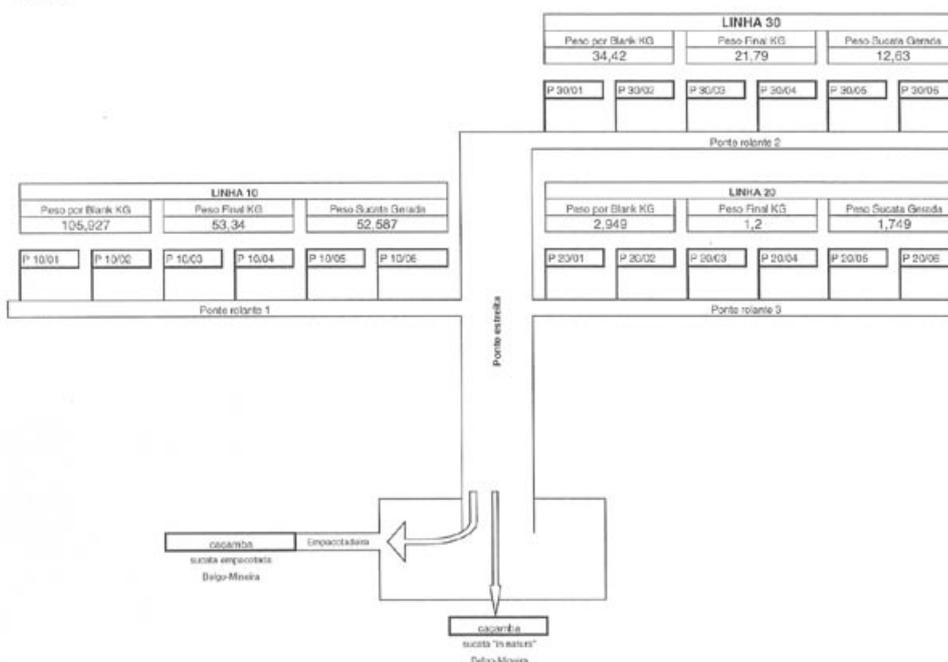
a despreocupação com os aspectos normativos e as limitações acadêmicas, naturais, de uma proposta de estudo extensionista:

- No que diz respeito às várias perspectivas de gestão estratégica do negócio, está evidenciado, pela implementação e administração dos canais reversos de reciclagem e reuso de sucata e retalhos, que a Stola se posiciona flagrantemente em face de uma estratégia pró-ativa de revalorização de seus produtos e de postura ambiental ética, na medida que faz retornar ao ciclo produtivo parte importante de seus rejeitos;
- A Stola tem se preocupado com a revalorização dos produtos, através dos canais reversos de reuso. Um novo programa de reclassificação tem sido implementado, buscando selecionar retalhos passíveis de reutilização na estampaia;
- Quanto aos aspectos associados à inovação tecnológica, consoante às referências teóricas sugeridas, elas estão presentes nas modificações técnicas que a Stola, provavelmente, procederá nos processos de estampagem, com economia considerável de chapas;
- No que diz respeito à observância dos preceitos inerentes ao desenvolvimento sustentável, as mudanças tecnológicas na seção de prensa, a

consolidação dos canais reversos, sobretudo o de reuso, dando economicidade, agregando valor ambiental e ético à produção e ao desembaraço, asseguram à Stola uma estratégia corporativa e adequada (referencial teórico);

- Com relação aos aportes legais, pode-se dizer que a Stola do Brasil cumpre as leis vigentes, uma vez que adota medidas antecipadas de ações que adaptam sua atividade produtiva e estratégias empresariais, dentre elas, os canais reversos de reuso e reciclagem. O Programa Brasileiro de Reciclagem criado pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo, em 1998, e outros em fase de tramitação congressual, disciplinam o desembaraço de produtos de pós-consumo, desde sua disposição até o incentivo com tributação diferenciada às atividades de reciclagem de materiais;
- Finalmente, vale salientar que a estratégia corporativa adotada a partir da consolidação dos canais reversos de reuso e reciclagem, tem estimulado os relacionamentos colaborativos com fornecedores e clientes por parte da Stola, baseado sobretudo na reputação (imagem corporativa positiva) e disposição de dar ao desembaraço um desenho ético e ambientalmente positivo.

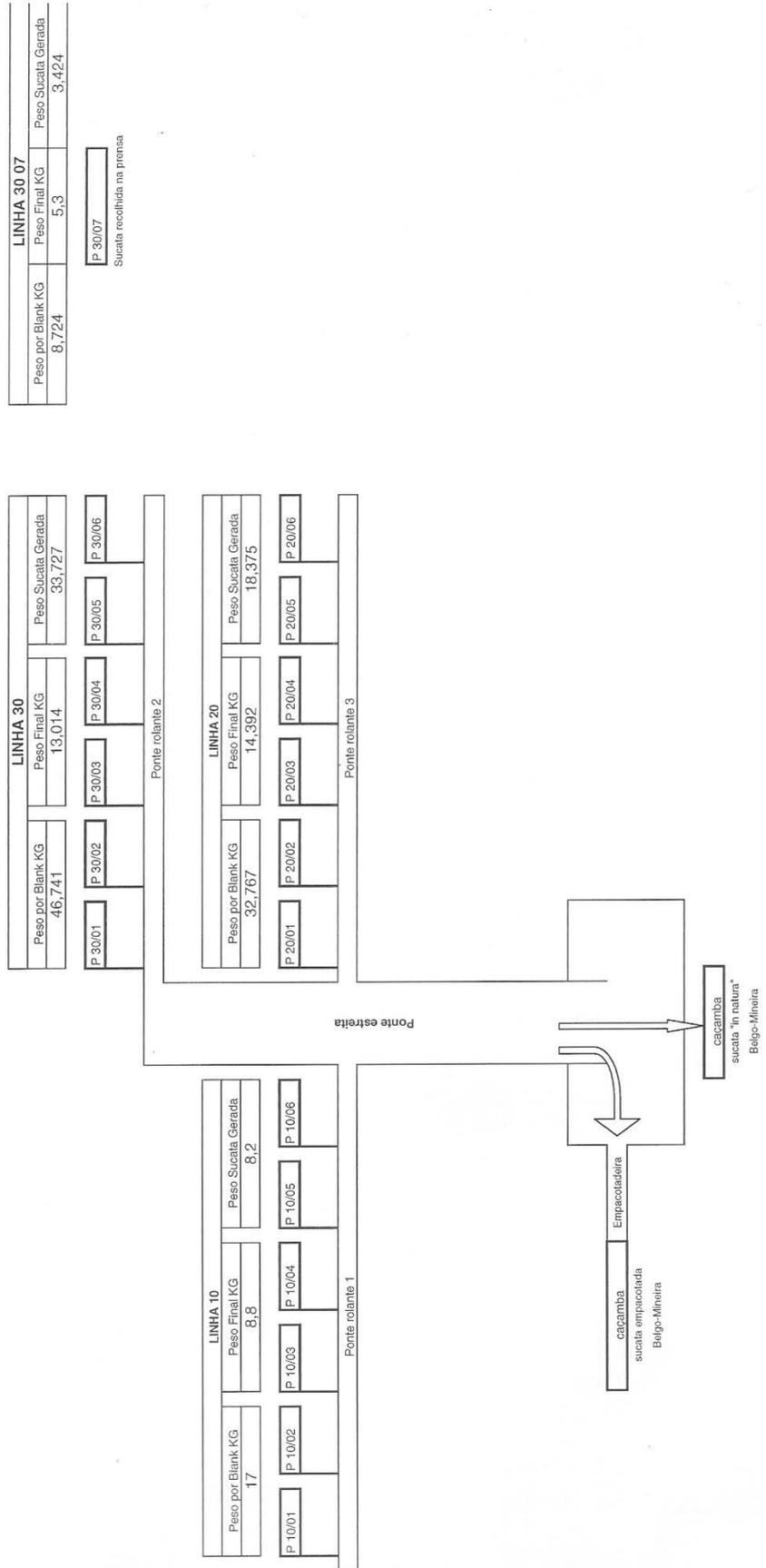
PRENSAS



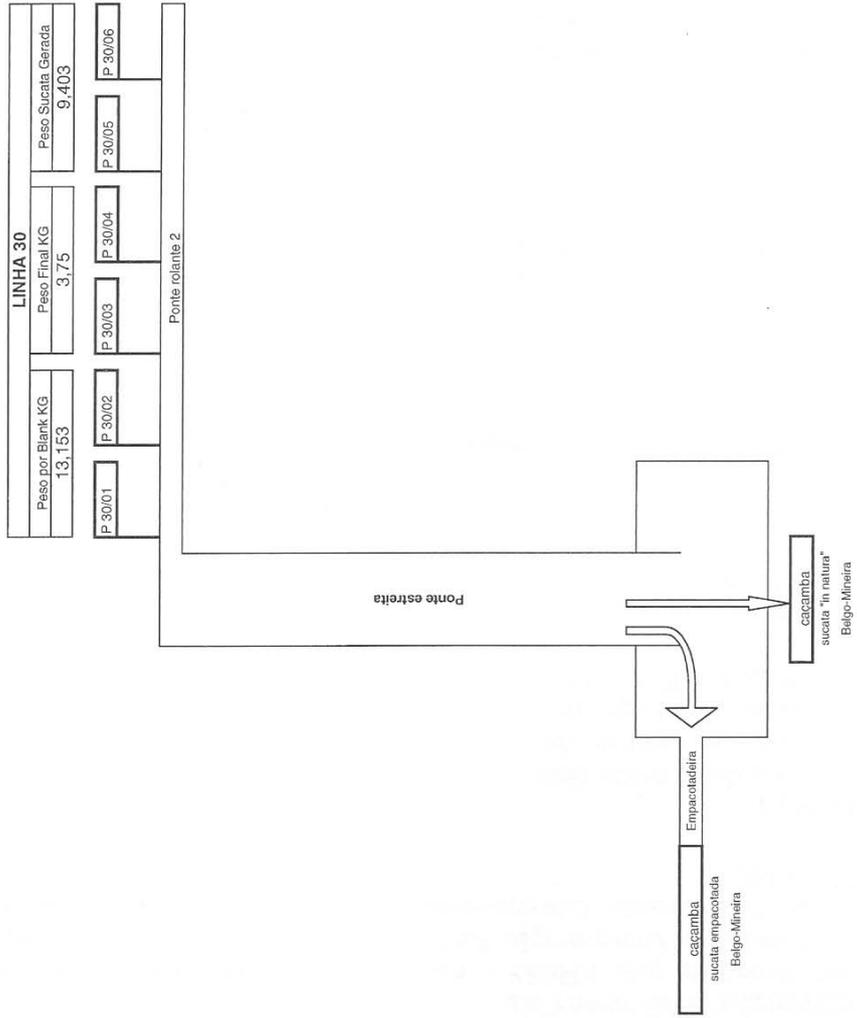
Fluxo Reverso

SEÇÃO DE ESTAMPA - GRUPO PALIO

PRENSAS



PRENSAS



## BIBLIOGRAFIA

- ALVARENGA, Antonio Carlos, NOVAES, Antonio Galvão N. Logística Aplicada: suprimento e distribuição física. 2 ed. São Paulo: Pioneira, 1994. 268 p.
- ANDRADE, Rui O. Bernardes de; TACHIZAWA, Takeshy; CARVALHO, Ana Barreiro de. Gestão Ambiental. São Paulo: Makron Books, 2002.
- ANDRADE, Eduardo Leopoldino de. Introdução à Pesquisa Operacional: métodos e modelos para a análise de decisão. LTC: Rio de Janeiro, 2002.
- ANSOFF, H. Igor. Estratégia Empresarial. São Paulo: MCGRAW-HILL, 1977. 203 p.
- BALLOU, Ronald H. Logística Empresarial: transportes, administração de materiais distribuição física. São Paulo: Atlas, 1995. 388 p.
- BALLOU, Ronald H. Gerenciamento da cadeia de suprimentos: planejamento, organização e logística empresarial. 4 ed. Porto Alegre: Bookmann, 2001.
- BIO, Sérgio Rodrigues. Sistemas de Informação: um enfoque gerencial. Atlas: São Paulo, 1987.
- BOWERSOX, D.J.; CLOSS, D.J. Logística Empresarial: o processo de integração da cadeia de suprimento. São Paulo: Atlas, 2001.
- CAIRNCROSS, Francês. Meio ambiente: custos e benefícios. São Paulo: Nobel, 1992.
- CHOPRA, S; MEINDI, Peter. Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos. São Paulo: Prentice Hall, 2003.
- CHRISTOPHER, Martin. Logística e Gerenciamento da Cadeia de Suprimentos: estratégias para a educação e custo e melhoria dos serviços. São Paulo: Pioneira, 1999. 240 p.
- CLARKE, Thomas, MONKHOUSE, Eliane. Repensando a Empresa. São Paulo: Pioneira, 1995. 298 p.
- DAUGHERTY, P.J.; AUTRY, C.W.; ELLINGER, A.E. Reverse logistics: The Relationship between resource commitment and program performance. Journal of Business Logistics, vol. 23, nº 1, p. 107 – 123, 2001.
- DONAIRE, Denis. Gestão Ambiental nas Empresas. São Paulo: Atlas, 2000.
- DORNIER, Phiplippe-Pierre et al. Logística e Operações Globais. São Paulo: Atlas, 2000.
- FLEURY, Maria Tereza Leme. Estratégias Empresariais e Formação de Competências: um quebra-cabeça caleidoscópico da Indústria Brasileira. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2001. 169 p.
- FUKUYAMA, Francis. A Grande ruptura. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.
- GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. UNESP: São Paulo, 1991.
- GIDDENS, Anthony. Modernização Reflexiva. UNESP: São Paulo, 1994.
- GIDDENS, Anthony. A terceira via. Record: Rio de Janeiro, 1999.
- GILL, Richard T. Economics and the Public Interest Goodyear Publishing Company. INC, California USA, 1968.
- GOLD, Bela. Technological change: economics, management and environment. Pergamon Press: Oxford, 1975.
- HIRST, P.; THOMPSON, G. Globalização em questão. Vozes: Petrópolis, 1998.
- KOTLER, P. Administração do Marketing. São Paulo: Prentice Hall, 2000.
- KURZ, R. Os últimos combates. Vozes: Petrópolis, 1997.
- LAMBERT, D.M. ; STOCK, J.R. ; ELLRAM, L.M. Fundamentals of logistics Management. Chicago: Irwin / McGraw-Hill, 1998b.
- LEITE, Paulo Roberto. "Canais de distribuição reversos: conceitos". Revista Tecnológica, São Paulo, Março de 1998.
- LEITE, Paulo Roberto. "Canais de distribuição reversos: sensibilidade ecológica". Revista Tecnológica, São Paulo, Abril de 1998.

---

LEITE, Paulo Roberto. "Canais de distribuição reversos: sensibilidade ecológica, papel do governo, empresas e legislações". Revista Tecnológica, São Paulo, Abril de 1998.

LEITE, Paulo Roberto. "Logística reversa e a responsabilidade empresarial". Revista Tecnológica, São Paulo, Maio de 2002.

LEITE, Paulo Roberto. "Os objetivos estratégicos e a importância econômica da logística reversa nas empresas". Revista Tecnológica, São Paulo, Junho de 2002.

LEITE, Paulo Roberto. Logística Reversa: meio ambiente e competitividade. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

LIN, Steven A. Y. Theory and Measurement of Economic Externalities. Academic Press: New York, 1976.

MICKLETHWAIT, J.; WOOLDRIDGE, A. O futuro Prefeito. Campus: Rio de Janeiro, 2000.

MILES, Morgan e MUNILLA, Linda S. The eco-marketing orientation: an emerging business philosophy. In: Polonsky, Michael J. et al. (eds.) Environment marketing: strategies, practice theory and research. N.Y., Haworth Press, 1995.

MURPHY, P.R.; POIST, R.F.; BRAUNSWHIEG, C.D. Management of Environmental issues in logistics : current status and future potential. Transportation Journal, vol. 34, nº 1, p. 48 – 56, 1994.

MYRDAL, Gunnar. Aspectos Políticos da Teoria Econômica. Rio de Janeiro: Zahar, 1962. 272 p.

NOVAES, Antônio, G. Logística e gerenciamento da cadeia de distribuição: estratégia, Operação e avaliação. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

OCDE / ONU. Problemes d'économie de l'environnement. Paris, 1972.

OCDE / ONU. Lês côut des dommages causés à l'environnement. Paris, 1974.

PENMAN, Ivy e STOCK, James R. Environmental issues in logistics. In: Contemporary issues in logistics.

POLONSKY, Michael J. et al. (eds). Environmental

Marketing: strategies practice, theory and research New York". Haworth Press, 1995.

PUCHINI, Abelardo. Introdução à Programação Linear. LTC: São Paulo, 1988.

PORTER, M. E.; STERN, S. Inovattion: location matters. MIT Sloan Management Review, vol. 42 (4), p. 28 – 36, 2001.

ROSINI, Alessandro Marco; PALMISANO, Ângelo. Administração de Sistemas de Informação e a gestão do conhecimento. Thompson: São Paulo, 1987.

STIGLER, George J. La Théorie des Prix. Dunod: Paris, 1972.

YOURDON, Edward. Análise estruturada moderna. Campus, Rio de Janeiro, 1998.

# “O Sal da Terra” - educação ambiental

## EQUIPE

Coordenador: Eduardo Neto Ferreira

Titulação: Doutor em Astrofísica e Meteorologia

Cursos: Engenharia Ambiental, Engenharia de Telecomunicações, Engenharia Civil, Engenharia de Produção e Design.

Membros da equipe

Amanda Cristina Felix Alves/ 6º período

Juliana Bustamante de Monti Souza/ 7º período

Luana Cristeli Sena/ 5º período

Curso: Engenharia Ambiental

## OBJETIVO

Desenvolver atividades de educação ambiental em escolas públicas e em comunidades da região leste de Belo Horizonte, inseridas na bacia do córrego Cardoso, afluente do ribeirão Arrudas. O projeto propõe a análise crítica da situação atual do córrego e das questões relacionadas à melhoria do comportamento da sociedade em relação ao meio ambiente, através da sensibilização e mobilização dos professores da rede pública e da comunidade. Visando a revitalização do córrego a médio e longo prazos, a conscientização da comunidade é ponto crucial no desenvolvimento desse processo, pois a principal fonte de poluição das águas é a intervenção antrópica sobre o meio. O trabalho realizado tem o intuito de promover uma mudança de paradigma, no sentido de renovação do modo de pensar e agir, para que haja uma melhoria da qualidade de vida das pessoas através do respeito ao meio em que vivem.

### Objetivos Específicos:

- Mobilização dos professores;
- Formar multiplicadores;
- Firmar parcerias;
- Promover mudanças de hábitos;

- Fortalecer e incentivar o comitê do córrego Cardoso;
- Promover a reflexão do público trabalhando sobre a situação crítica que o córrego Cardoso se encontra.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação ambiental, percepção ambiental, qualidade de vida, mobilização social.

## METODOLOGIA

Desenvolvimento de programas e ações de educação ambiental para os professores das escolas públicas inseridas da bacia do córrego Cardoso e a comunidade da região leste de Belo Horizonte.

As atividades realizadas pelos alunos do curso de Engenharia Ambiental se fundamentaram principalmente na sensibilização do público-alvo em relação ao comportamento do indivíduo com o meio ambiente e a reflexão sobre os problemas ambientais e atual situação do córrego Cardoso.

Através da mobilização socioambiental, cada participante foi visto como um elo de uma cadeia de multiplicação para o despertar da importância das mudanças de hábitos que propiciam uma melhoria da qualidade de vida e do ambiente como um todo.

## DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O nome do projeto foi inspirado na música “O Sal da Terra” de Beto Guedes e Ronaldo Bastos, que aborda a problemática ambiental de forma lúdica e educativa.

“Terra, és o mais bonito dos planetas  
Tão te maltratando por dinheiro,  
Tu que és a nave, nossa irmã  
Canta, leva tua vida em harmonia  
E nos alimenta com seus frutos,  
Tu que és do homem a maçã”.  
(Trecho da música “O Sal da Terra” de Beto Guedes e  
Ronaldo Bastos)

O projeto “O Sal da Terra” desenvolveu programas e ações de educação ambiental para os professores das escolas inseridas na bacia do córrego Cardoso e comunidade da região leste de Belo Horizonte. O trabalho constante de melhoria da qualidade de vida da população local tem como objetivo final a revitalização do córrego Cardoso.

Os parceiros, Projeto Manuelzão, Centro de Ecologia Integral, SMLU, Regional Leste e Copasa tiveram fundamental importância para realização do projeto. Tais parceiros contribuíram com o descrito abaixo e desenvolveram as seguintes atividades:

- Centro de Ecologia Integral (CEI)
  - Material informativo: revistas
  - Visita técnica na ETE Arrudas
- Projeto Manuelzão
  - Criação e coordenação do comitê do córrego Cardoso;
  - Palestras para a comunidade e funcionários dos centros de saúde, informando sobre o perigo que as águas poluídas podem trazer a nossa saúde e quais os cuidados devem ser tomados;
  - Distribuição de material para os professores, cartilha do PGAE (Programa de Gestão Ambiental Escolar);
  - Curso de Gestores de bacias hidrográficas para as alunas Juliana Bustamante, Luana Sena e Nicole Castro.
- Secretaria Municipal de Limpeza Urbana (SMLU)
  - Trabalho de mobilização social para informar a comunidade sobre a criação de locais de entrega voluntária de materiais recicláveis (LEVs);
  - Colocação de lixeiras de recolhimento em locais de acesso facilitado para os moradores de vilas e favelas que estão no entorno das nascentes;
  - Apresentação de uma peça teatral, com o objetivo

de trabalhar de forma lúdica as questões ligadas aos resíduos sólidos;

De acordo com a agenda 21 (cap. 36) a educação ambiental é conceituada como um processo que visa “desenvolver uma população que seja consciente e preocupada com o meio ambiente e com os problemas que lhe são associados, e que tenha conhecimentos, habilidades, atitudes, motivações e compromissos para trabalhar individual e coletivamente na busca de soluções para os problemas existentes e para a prevenção dos novos”. Tendo em vista este conceito, as experiências pessoais dos alunos foram valorizadas no desenvolver de todas as vivências propostas, possibilitando-lhes uma nova forma de compreender a realidade e nela interferir.

Segundo MINC (1997), Educação Ambiental é uma mudança de comportamento, que possibilita aos indivíduos a aquisição de valores sociais, vínculos afetivos fortes para com o ambiente e motivação para participarem ativamente na sua proteção e melhoria. Esta mudança pode ser estimulada na escola e na comunidade como um todo e também na equipe de trabalho formada para o desenvolvimento do projeto “O SAL DA TERRA”.

As práticas de Educação ambiental podem ser inseridas através de diferentes formas de trabalho na rotina escolar, como mencionado na Política Nacional de Educação Ambiental (Lei nº 9.795/99), “a prática educativa das questões ambientais deve ser integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”. Em especial, o primeiro parágrafo do Artigo 10º desta lei determina que “a educação ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino” e sim como eixo integrador de todas as disciplinas.

A interdisciplinaridade, portanto, constitui um desafio para os educadores, que provoca a participação de todo corpo docente e discente, em prol das questões ambientais. O presente projeto colabora com este desafio através de atividades extracurriculares, que podem sensibilizar e mobilizar a escola no processo de ensino e aprendizagem da temática ambiental.

## PÚBLICO-ALVO

Na primeira etapa foi feito um levantamento de todas as escolas inseridas na bacia do córrego Cardoso (Quadro1).

### QUADRO 1 - ESCOLAS INSERIDAS NA BACIA DO CÓRREGO CARDOSO

ESCOLAS	
HENRIQUE DINIZ	Estadual
JOSÉ MENDES JUNIOR	Estadual
ARTUR JOVIANO	Estadual
LAURA DAS CHAGAS FERREIRA	Estadual
MAJOR AMÉRICO FERREIRA LIMA	Estadual
EFIGÊNIO SALES	Estadual
MARIA DAS NEVES	Municipal
PADRE GUILHERME	Municipal
SANTOS DUMONT	Municipal
THEOMAR DE CASTRO ESPINDOLA	Municipal
LEVINDO LOPES	Municipal

Listadas as escolas, foram feitos os contatos com a diretoria e marcadas as palestras para os professores multiplicadores. Algumas escolas não aceitaram o trabalho do projeto alegando que estavam com o planejamento fechado e sem disponibilidade de tempo.

## ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

As atividades de mobilização dos professores foram realizadas através de apresentação de slides onde foram abordadas variadas temáticas como a questão do lixo e das águas, a situação crítica do córrego Cardoso, a canalização dos rios, a qualidade de vida e da saúde, entre outras. Estas atividades que buscam questionar e resgatar a percepção e a concepção do contato do indivíduo com o meio ambiente favorecendo ações que propiciam a qualidade de vida, constitui o principal objetivo do projeto.

Com a comunidade foi formado um comitê da bacia do córrego Cardoso coordenado pelo projeto Manuelzão, o qual organizava reuniões mensais com os líderes.

No dia 5 de junho, dia mundial do meio ambiente, foi realizado no Carrefour do Shopping Del Rey, atividades de educação ambiental, exposição de trabalhos, doação de mudas, visando divulgar os trabalhos desenvolvidos pela Universidade Fumec e principalmente dar a oportunidade aos visitantes de refletir sobre o ambiente como um todo.

O Projeto Manuelzão, vinculado à Universidade Federal de Minas Gerais, em parceria com a COPASA, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMAD), a prefeitura Municipal de Belo Horizonte, Contagem e Sabará, promoveu o Curso de Gestão de Bacia Hidrográficas. Este teve duração de oito meses (maio-dezembro) e contou com atividades práticas e teóricas. O curso foi disponibilizado para as alunas Juliana Bustamante, Luana Sena e Nicole Castro.

Houve ainda a nossa participação no programa do Ministério do Meio Ambiente e do MEC, "Enraizamento da educação ambiental no Brasil", realizado no IBAMA, onde foi formado o Conselho Jovem de Minas Gerais.

Foram realizadas várias visitas ao aglomerado da serra e nascentes do córrego Cardoso pela equipe do projeto, com o objetivo de diagnosticar os problemas da área e promover uma maior aproximação com a comunidade.

## PARCERIA E VOLUNTARIADO

O projeto teve todo o apoio dos parceiros Projeto Manuelzão, Centro de Ecologia Integral (CEI), Superintendência Municipal de Limpeza Urbana (SMLU), Regional Leste e Copasa.

Os alunos de Engenharia Ambiental Daniel Lara, Nicole Castro, Rafaela Duarte, Iara Labaki, Breno de Souza Aguiar, Patrícia Rocha, Ludmila Duarte, o líder comunitário do aglomerado da Serra Sr. Antero da Silva e outros moradores da região colaboraram voluntariamente para a realização das atividades.

---

## RESULTADOS ALCANÇADOS

O público-alvo teve participação ativa nas atividades propiciando o desenvolvimento de hábitos e atitudes básicas que propiciam uma melhoria da qualidade de vida e do comportamento da sociedade em relação ao meio ambiente. A reflexão sobre os problemas ambientais tornou-se mais constante entre os professores atingidos pelo projeto tornando-os motivados para se tornarem multiplicadores dentro das escolas e a estimular e desenvolver projetos com a temática ambiental com os alunos.

O projeto conseguiu firmar importantes parcerias com instituições públicas, privadas e organizações não governamentais, que tiveram um papel fundamental para a realização, divulgação, capacitação da equipe e crescimento das alunas bolsistas Amanda Cristina Felix Alves, Juliana Bustamante de Monti Souza e Luana Cristeli Sena e dos monitores voluntários no desenvolvimento de ações e atividades de educação ambiental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*Decreto 4.281, de 25.06.2002 – Regulamenta a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. FAZENDA, I.C.A.*

***Interdisciplinaridade histórica, teoria e pesquisa.*** São Paulo. Papirus. 1997.

***DIAS, G. F. Educação ambiental: princípios e práticas.*** São Paulo: Gaia, 1993. 400p.

***MINC, C. Ecologia e cidadania.*** São Paulo: Moderna, 1997. 128p.

*UNCED. Capítulo 36 da Agenda 21. Promoção de educação, conscientização pública e treinamento, Rio de Janeiro, 1992.*

# Utilização dos resíduos sólidos da construção civil no projeto de habitações populares

## EQUIPE

### COORDENADORA

Prof.<sup>a</sup> Edna Alves Oliveira, Mestre em Engenharia de Estruturas / UFMG, Engenheira Civil, professora da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Fumec.

### MEMBROS DA EQUIPE

Prof. Otávio Luiz do Nascimento, Engenheiro Civil, professor da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Fumec.

### PESQUISADORES

Karine Cristina de Oliveira, aluna do 5º período do curso de Engenharia Ambiental; Patrícia Rocha Maciel, aluna do 5º período do curso de Engenharia Ambiental; Rafael Curty Freitas, aluno do 2º período do curso de Arquitetura.

## OBJETIVO

O objetivo geral deste trabalho é estabelecer um projeto inovador no tocante à participação de indústrias e da população, estabelecendo uma destinação dos resíduos sólidos recicláveis da construção civil no projeto de habitações populares, promovendo a eficiência e a produtividade da economia, gerando emprego, renda e melhor qualidade de vida.

Para esse efeito, a pesquisa tem como objetivo específico avaliar o desempenho de painéis de argamassa armada confeccionados com resíduos sólidos (entulhos) reciclados da construção civil e telas de fios de aço, no que diz respeito à resistência, ao surgimento de fissuras e à absorção de água por capilaridade.

O plano experimental incluiu a caracterização qualitativa dos entulhos e da argamassa confeccionadas com os resíduos; a execução e caracterização de 6 (seis) painéis de argamassa armada com dimensões de 50 x 70 x 2 cm (largura x comprimento x espessura), com traços de argamassa dosados em função da relação água/cimento, sendo um deles de argamassa de cimento e entulho com traço 1:3 em volume e relação água/cimento 0,5 utilizado como referência.

Pretender-se-ia executar um projeto habitacional com 36

m<sup>2</sup> a custo mínimo de aproximadamente U\$ 30,00/m<sup>2</sup>, inclusive o mobiliário, com painéis térmicos de argamassa armada.

A proposta acima mencionada – execução do projeto – não foi realizada por falta de verba, o mesmo fato provocou a interrupção das análises experimentais.

## PALAVRAS-CHAVE

Resíduos sólidos, reciclagem, argamassa armada, habitação popular.

## METODOLOGIA

A fim de alcançar o objetivo acima considerado, seguiu-se a seguinte metodologia para desenvolvimento do projeto:

- Revisão bibliográfica;
- Visitas técnicas em usinas de reciclagem;
- Coleta de dados;
- Coleta de resíduos sólidos recicláveis na Usina de Reciclagem de entulho localizada no Bairro Pampulha, Belo Horizonte.

As amostras foram obtidas seguindo as prescrições da NBR 10007/87 – “Amostragem de resíduos” – que fixam as condições exigíveis para amostragem, preservação e estocagem de resíduos sólidos.

Com o objetivo de obter amostras representativas do entulho a ser analisado, programou-se, inicialmente, a realização de coletas todas as segundas-feiras, durante um mês, a partir da visita feita à Usina, dia 17/08/2004. Porém, devido aos problemas de acúmulo de material no laboratório, foi necessário reduzir o número de coletas, sem afetar, contudo, a sua representatividade.

Foram coletados 12 sacos de entulho, 6 sacos de resíduos classe A e 6 sacos de resíduos classe B, tendo no total 540 kg de entulho coletado.

As amostras foram armazenadas no laboratório de Tecnologia de Materiais da Faculdade de Engenharia e Arquitetura da Universidade FUMEC, conforme as

especificações das normas da ABNT.

- Estudo e análise quantitativa/qualitativa dos resíduos sólidos da construção civil coletados.
- Ensaio em laboratório incluindo a caracterização tecnológica dos agregados de RCD (Resíduos de Construção e Demolição) reciclados e seus entulhos, e dos painéis de argamassa armada confeccionados a partir destes resíduos.

Nesta fase foram realizados os seguintes ensaios: análise granulométrica (seguindo as prescrições da NBR NM 248/2003), determinação do teor de argila (NBR 7218/1987), determinação da massa específica e massa específica aparente (NBR NM 53/2003), determinação de impurezas orgânicas (NBR NM 49/2001), determinação da resistência à compressão em corpos de prova de argamassa de cimento e entulho (NBR 13279).

- Análise dos resultados.

## RESUMO

Muitas cidades brasileiras têm sofrido com o grave problema que é o elevado volume de entulho gerado pela construção civil, tanto por obras novas quanto em reformas e demolições. Enchentes, poluição visual, escassez de aterros e falta de matéria-prima são apenas alguns exemplos dos problemas causados por este desperdício e falta de consciência do setor.

PINTO (1999) mostra que no Brasil é gerada 0,52 tonelada de entulho por habitante e por ano, representando de 54% a 61% da massa dos resíduos sólidos urbanos. Assim, é muito importante que sejam desenvolvidas técnicas construtivas que diminuam o volume do entulho gerado por obras novas, mas apenas isto não resolve o problema.

Existem ainda os entulhos de reformas e demolições que só podem ser combatidos através da educação social para a reciclagem. Do ponto de vista industrial, uma das principais dificuldades para a reciclagem do entulho reciclado é a sua elevada heterogeneidade e presença de contaminantes, principalmente na fração miúda.

A cidade de Belo Horizonte produz diariamente toneladas de lixo, sendo que uma das principais fontes de resíduos sólidos é a construção civil - 52,90% do lixo é composto por entulho. Há, atualmente, um modelo de gestão de resíduos sólidos urbanos que foi iniciado em fevereiro de 1993 com o objetivo de gerenciar os resíduos para obter e manter uma boa qualidade de vida.

Neste período, algumas compreensões se tornaram sólidas: a necessidade de revisar os procedimentos produtivos da construção para que se reduza a

quantidade de resíduos gerados; a necessidade de tratar estes resíduos como uma questão urbana e, por fim, a necessidade de tratar todo o processamento dos resíduos com rigor científico, desde a captação e reciclagem até o traçado de orientações para a reutilização.

Em janeiro de 2003, foi promulgada a Resolução nº 307 do Conama – Conselho Nacional do Meio Ambiente – que tem os objetivos de reduzir o impacto ambiental e social dos resíduos, facilitar a reciclagem e minimizar a geração destes. A Resolução exigirá dos construtores a inclusão da gestão de resíduos no sistema de gestão dos empreendimentos. “Portanto, o desafio é mudar o paradigma de produção industrial para um modelo de produção de ciclo fechado em que os resíduos são reciclados, incorporando-se ao processo produtivo”. (JOHN, V.M. et al. 2003)

É importante ressaltar que com vista à recuperação da qualidade do meio ambiente urbano pretende-se, com a pesquisa realizada, garantir materiais de construção reciclados a baixo custo. Além dos benefícios já citados, é necessário acentuar outros como a economia diária no volume de lixo destinado ao aterro sanitário, a mudança de comportamento da população e das indústrias em relação ao problema dos resíduos sólidos da construção civil.

De fato, a utilização deste material para a produção de argamassas pode ser uma alternativa para o problema do entulho, já que no Brasil há a tradição de se executar os revestimentos das edificações em argamassa, estimando-se o consumo deste material da ordem de 0,13 m, 3 de argamassa por m<sup>2</sup> de construção (SOUZA & FRANCO, 1997).

LEVY e HELENE (1995) realizaram experimentos utilizando entulho moído para a produção de argamassas de revestimento. Eles selecionaram quatro tipos de materiais que compõem o entulho e os processaram em moinhos de rolo. Com esse material moído produziram 8 diferentes tipos de misturas que deram origem às argamassas ensaiadas, a partir de traços em massa de material seco, similares aos empregados em obras convencionais.

As argamassas produzidas com o entulho apresentaram uma redução de 10% a 15% no consumo de cimento, 100% no consumo de cal e de 15% a 30% no consumo de areia, além de um ganho de resistência à compressão que varia de 20% a 100%, conforme o traço utilizado, em relação aos valores obtidos com argamassas convencionais extraídos de literatura.

Os resultados do trabalho de Levy e Helene evidenciam vantagens econômicas na utilização da reciclagem

do entulho para a produção de argamassa, tanto no consumo de cimento, como de cal. Porém, a ausência de ensaios com argamassa convencional implicou na falta de parâmetros de comparação do desempenho das misturas.

Outros levantamentos do desempenho da argamassa confeccionada a partir do entulho reciclado, foram realizados por várias empresas privadas, entre elas a Betontec-Tecnologia e Engenharia, a Teste- Engenharia do Concreto e a Testin-Tecnologia de Materiais. Esses trabalhos basearam-se em análises de comparação entre a argamassa tradicional e outra proveniente de entulho, além de alguns ensaios de desempenho do material produzido.

Com o embasamento teórico adquirido a partir da revisão bibliográfica concluiu-se que a técnica de utilização de entulhos para a fabricação de argamassa é viável, mas ressalta-se a necessidade de mais pesquisas nessa área para melhor desenvolvimento da técnica e estabelecimento de regras de fabricação.

Para realização da pesquisa e caracterização tecnológica do entulho foram coletadas amostras seguindo as prescrições da NBR 10007/87 na Usina de Reciclagem de entulho localizada no Bairro Pampulha, na cidade de Belo Horizonte.

O resíduo foi coletado em duas categorias: A e B. Os resíduos da classe A – considerados como parte nobre predominam em sua composição blocos de concreto, argamassa, concreto – apresentaram maior resistência à compressão, menor teor de argila e matéria orgânica quando comparados com os resultados apresentados pelos resíduos da classe B, nas mesmas condições de ensaio. Desta forma, os resíduos B não foram utilizados na confecção dos painéis de argamassa armada, sendo sugerida a sua utilização entre os painéis de argamassa armada para garantir isolamento térmico e acústico.

Para avaliação da resistência à compressão, inicialmente, foram moldados 18 corpos de prova (CPs) de argamassa de cimento e resíduos de cada classe – 9 CPs com resíduos A e demais com resíduos B – no traço 1:3 e relação água/cimento 0,5. Para a confecção dos corpos de prova foram seguidas as recomendações da NBR 7215 que prescreve o procedimento de moldagem, desforma, transporte, cura e preparo dos topos dos corpos de prova, destinados à avaliação das qualidades intrínsecas da argamassa. Foram rompidos três CPs de cada classe aos três dias após a moldagem, três aos 14 dias e três aos 28 dias.

O cimento utilizado foi o CP III 32-RS, que possui algumas características que se adequam a determinados tipos de obras. Com maior concentração de escória

em sua composição, clínquer de alta qualidade, escória de alto-forno, gesso e materiais carbonátios (adição de escória 35 a 70%), ele adquire maior resistência de forma gradativa e um pouco mais lenta. Apresenta alta resistência aos sulfatos e baixo calor de hidratação. O agregado convencional (areia) foi substituído pelo entulho com corte em peneira ABNT 4,8 mm. Posteriormente, foram confeccionados três painéis de argamassa armada para avaliar a resistência, o surgimento de fissuras e a absorção de água por capilaridade. Paralelamente, foram confeccionados seis corpos de prova, cujo rompimento ocorreu aos 14 e 28 dias após a confecção, para comparar a resistência à compressão axial com os corpos de prova feitos na etapa anterior. A média da resistência à compressão aos 28 dias dos CPs foi de aproximadamente 2 MPa nas duas etapas.

A fôrma da argamassa foi feita de madeira com dimensões 70 X 50 cm com 2 cm de espessura. A argamassa de cimento e resíduo da classe A no traço 1:3 em volume e relação água/cimento 0,5 foi colocada até metade da espessura da fôrma e, em seguida, a tela metálica galvanizada foi posta por cima e depois recoberta com mais argamassa, garantido o cobrimento da tela que tem a finalidade de proteger fisicamente a tela e propiciar um meio alcalino elevado que evite a corrosão por passivação do aço.

Vale ressaltar que para a argamassa armada, a qualidade da argamassa é essencial na proteção da tela contra corrosão, dependendo enfaticamente da relação água/cimento. Sendo assim, HANAI et al. (1992) recomendam que as argamassas empregadas em argamassa armada tenham fator água/cimento baixo (<0,45). Porém, verificou-se nos primeiros painéis o aparecimento de fissuras causadas por retração e, conseqüentemente, a corrosão da tela na presença de umidade. Durante a confecção dos painéis observou-se, também, que a mistura não proporcionava boa trabalhabilidade e aos 28 dias após a confecção dos painéis de argamassa armada verificou-se alta porosidade e uma grande quantidade de vazios.

A fim de evitar fissuras por retração e garantir trabalhabilidade foram confeccionados mais três painéis de argamassa armada alterando a relação água/cimento para 0,68, fator que garantiu maior trabalhabilidade e reduziu consideravelmente os vazios. Aos 28 dias após a execução dos painéis não foram observadas fissuras e verificou-se menor porosidade. Mas a média da resistência à compressão axial dos corpos de provas moldados durante a execução dos painéis diminuiu consideravelmente para 1 MPa aos 28 dias. Verificou-

se um capeamento inadequado dos corpos de prova o que levou ao rompimento precoce dos CPs na região onde o capeamento encontrava-se danificado; fato que impossibilitou a comparação da resistência à compressão axial destes CPs com os moldados na fase anterior, cuja relação água/cimento era 0,5.

Após esta etapa, foi necessário interromper a pesquisa por falta de verba e nenhum outro ensaio foi realizado nos painéis confeccionados devido à ausência de equipamentos adequados para verificação do desempenho estrutural.

Após confecção dos painéis de argamassa armada pretender-se-ia:

- Confeccionar outros painéis de argamassa armada com diferentes traços de argamassa com cimento, entulho reciclado e areia;
- Realizar ensaios de compressão diagonal nos painéis de argamassa armada para avaliação da resistência à tração e avaliação do desempenho estrutural das placas;
- Realizar ensaios que simulem a ação de forças no plano dos painéis: ensaios de flexão simulando a atuação de forças horizontais;
- Execução de um protótipo, inclusive o mobiliário, com 36 m<sup>2</sup> cuja maquete foi definida e executada durante a realização deste projeto.

Sugere-se que esses estudos sejam realizados em trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ANVI Comércio e Indústria Ltda. São Paulo, 1995. 4 p. (Catálogo comercial).
- 2 ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 10007 - Amostragem de resíduos - Procedimento. Rio de Janeiro, 1987a.
- 3 \_\_\_\_\_. NBR NM 49 – Agregado miúdo - Determinação de impurezas orgânicas - Método de ensaio. Rio de Janeiro, 2001.
- 4 \_\_\_\_\_. NBR NM 46 – Agregados – determinação do material fino que passa através da peneira 75 m, por lavagem. Rio de Janeiro, 2003.
- 5 \_\_\_\_\_. NBR NM 26 – Agregados - Amostragem. Rio de Janeiro, 2000.
- 6 \_\_\_\_\_. NBR 7211 - Agregados para concreto - Especificação. Rio de Janeiro, 1983.
- 7 \_\_\_\_\_. NBR NM 248 - Agregados. Determinação da composição granulométrica. Rio de Janeiro, 2003.
- 8 \_\_\_\_\_. NBR 7218 - Determinação do teor de argila em torrões e materiais friáveis - Método de ensaio. Rio de Janeiro, 1987.
- 9 \_\_\_\_\_. NBR 7251 - Agregado em estado solto. Determinação da massa unitária - Método de ensaio. Rio de Janeiro, 1982b.
- 10 \_\_\_\_\_. NBR 9941 - Redução de amostra de campo de agregados para ensaio de laboratório - Procedimento. Rio de Janeiro, 1987c.
- 11 \_\_\_\_\_. NBR NM 52 – Agregado miúdo – Determinação da massa específica e massa específica aparente. Rio de Janeiro, 2003.
- 12 \_\_\_\_\_. NBR 13279 – Argamassa para assentamento de paredes e revestimento de paredes e tetos – Determinação da resistência à compressão – Método de ensaio. Rio de Janeiro, 1995.
- 13 \_\_\_\_\_. Meeting the challenge of earthquake recycling. v. 35, n. 1, p. 55-57, nov. 1994.
- 14 CAMPINAS. Secretaria de Serviços Públicos / Secretaria da Administração. Campinas: a gestão dos resíduos sólidos urbanos. Campinas, 1996. 224 p. ISBN 85-86223-01-8.
- 15 CEOTTO, L. H. O desperdício na construção civil. Construção. São Paulo: Pini, n. 2480, p. 12-13, ago. 1995.
- 16 CINCOTTO, A. Utilização de subprodutos e resíduos na indústria da construção civil. A Construção, São Paulo: Pini, n. 1855, p. 27-30, ago. 1983.
- 17 CONCRETE. Concrete re-cycled. Crushed concrete as aggregate. London, v. 27, n. 3, p. 9-13, may/ jun. 1993.
- 18 CONSTRUÇÃO. Do caos à solução. São Paulo: Pini. n. 2505, p. 4-7, fev. 1996a.
- 19 \_\_\_\_\_. O Desafio da Qualidade. São Paulo: Pini, n. 2504, p. 4-8, fev. 1996b.
- 20 HAMASSAKI, L. T, SBRIGHI NETO, C., FLORINDO, M. Uso do entulho como agregado para argamassas de alvenaria. In: Seminário sobre reciclagem e reutilização de resíduos como materiais de construção, 1996, São Paulo. Anais... São Paulo: PCC - USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, 1996. 161 p. p. 109-117.
- 21 JOHN, V. M. Pesquisa e desenvolvimento de mercado para resíduos. In: Seminário sobre reciclagem e reutilização de resíduos como materiais de construção, 1996, São Paulo. Anais.. São Paulo: PCC - USP, Departamento de Engenharia de Construção Civil, 1996. 161 p. p.21-30.
- 22 LEVY, S. M., HELENE, P. R. L. Propriedades mecânicas de argamassas produzidas com entulho de construção civil. In: Seminário sobre reciclagem e reutilização de resíduos como materiais de construção, 1996, São Paulo. Anais... São Paulo: PCC - USP,

Departamento de Engenharia de Construção Civil, 1996.  
161 p. p. 138-148.

23 \_\_\_\_\_. Reciclagem de entulhos na construção civil, a  
solução política e economicamente correta. In: I Simpósio  
Brasileiro de Tecnologia das Argamassas, 1995, Goiânia.

Anais. Goiânia, 1995. 471 p. p. 315-325.

24 OFFERMANN, E. H. O futuro da reciclagem de  
entulho de construção (Tradução). Hochschuljournal  
Essen, n. 52, 1987.

25 PINTO, T. P. De volta à questão do desperdício.  
Construção. São Paulo: Pini, n. 2491, p. 18-19, nov.  
1995.137

26 \_\_\_\_\_. Perda de materiais em processos construtivos  
tradicionais. São Carlos: Departamento de Engenharia  
Civil da Universidade Federal de São Carlos (Texto  
datilografado), 1989. 33 p.

27 \_\_\_\_\_. Reaproveitamento de resíduos de construção.  
Revista Projeto, n. 98, p. 137-138, 1987.

28 \_\_\_\_\_. Utilização de resíduos de construção. Estudo  
do uso em argamassas. São Carlos: Departamento de  
Arquitetura e Planejamento da Escola de Engenharia de  
São Carlos, Universidade de São Paulo. Dissertação  
(Mestrado), 1986. 148 p.

29 PINTO, T. P., PINTO, C. A. P. Qualidade com  
pequenas soluções. Construção. São Paulo: Pini, n.  
2453, p. 12-14, fev. 1995.

# Fumec/Cepep: projetos & cidadania

## Equipe

Coordenador:

Andrea Lúcia Vilella Arruda, Arquiteta com Mestrado em Economia e Habitabilidade da Arquitetura; professora do curso de Arquitetura e Urbanismo e do curso de Engenharia Civil.

Alunos/bolsistas:

Ana Letícia Silveira de Barros: aluna do 6º período do curso de Arquitetura e Urbanismo;

Bárbara Vaz Terlizzi: aluna do 8º período do curso de Arquitetura e Urbanismo;

Cristina Motta Mourão: aluna do 8º período do curso de Arquitetura e Urbanismo;

Glenda Natalie Serpa: aluna do 10º período do curso de Engenharia Civil.

Participação Voluntária:

Ana Carolina Borges Pierini: aluna do 8º período do curso de Arquitetura e Urbanismo;

Jedelson Rodrigues Lopes: arquiteto CREA 55.430/D;

Oswaldo Gomes Vieira Júnior: aluno do 9º período do curso de Engenharia Civil.

## RESUMO DOS OBJETIVOS

Trabalhar em parceria com o Cepep desenvolvendo, inicialmente, o Projeto de Arquitetura para a reforma e ampliação das instalações do Programa de Nutrição que oferece diariamente 2.000 refeições e possui, hoje, uma estrutura física incompatível com a necessidade e qualidade desejada.

## PALAVRAS-CHAVE

Arquitetura-cozinhas; Arquitetura-creche.

## METODOLOGIA

Entrevistas e levantamento físico;

Visitas e análise de obras/projetos análogos;

Elaboração de estudos preliminares;

Elaboração de anteprojeto;

Elaboração de projeto de arquitetura.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

A parceria com o Centro Educacional Professor Estevão Pinto – Cepep resultou nos projetos da ampliação da sua instalação física, não apenas na reforma e ampliação das instalações do Programa de Nutrição, mas também da parte administrativa e salas de aula de crianças até 3 (três) anos. O Projeto final totaliza uma intervenção em 744,12 m<sup>2</sup>.

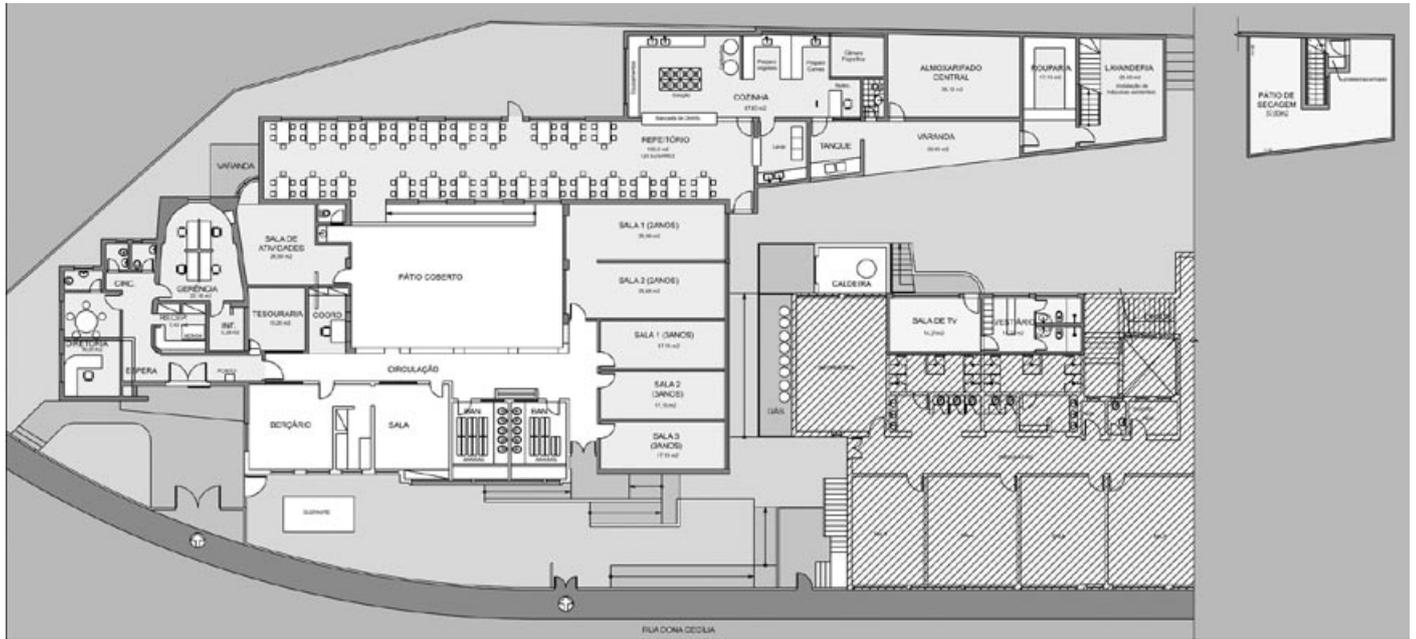
## TEXTO

A parceria com o Centro Educacional Professor Estevão Pinto – Cepep contribuiu com excelência de qualidade arquitetônica/construtiva, nos projetos da ampliação da sua instalação física, através da aplicação de técnicas com desempenhos e custos adequados, além de justos. A intenção era trabalhar desenvolvendo, inicialmente, o Projeto de Arquitetura para a reforma e ampliação das instalações do Programa de Nutrição, que oferece diariamente 2.000 refeições e possui, hoje, uma estrutura física incompatível com a necessidade e qualidade desejada. Pretendia-se elaborar, também, os projetos complementares. Mas, para atender as necessidades da creche o programa se estendeu significativamente em área de intervenção e, diante da nova realidade, o trabalho desenvolvido se limitou ao Projeto de Arquitetura. Mas, resultou nos projetos da ampliação da sua instalação física, não apenas no Programa de Nutrição, mas também da parte administrativa e salas de aula de crianças até 3 (três) anos.

O Projeto final totaliza uma intervenção em 744,12 m<sup>2</sup>



**PLANTA 1º PAVIMENTO (NÍVEL +2,00 E +2,80)**  
**INTERVENÇÃO REALIZADA**



# Oficina de recreação no projeto: “Menino no Parque”

## EQUIPE

Vânia F. Noronha Alves (professora orientadora/  
doutoranda/Universidade Fumec)  
Marcos C. de Miranda Junior (Bacharel em Turismo/  
Universidade Fumec)  
Renata Drumond Martins (acadêmica/Universidade  
Fumec)

## RESUMO

Este artigo relata as experiências de alunos-bolsistas do curso de Turismo e Gestão em Hotelaria da Universidade Fumec, num programa de extensão voltado para a ação comunitária. Trata-se de uma parceria entre a Universidade e a Prefeitura de Belo Horizonte /Parque das Mangabeiras /Casa Menino no Parque /Programa Esportista Cidadão (PEC). Em 2004 a intervenção foi pautada em duas propostas: o Turismo de Inclusão, que tem oportunizado às crianças e aos jovens passeios turísticos pela cidade de Belo Horizonte, além da capacitação de educadores em educação ambiental e educação para o lúdico. Com essas iniciativas pretende-se uma formação humana, cidadã, que reconheça as diferenças culturais e também suas potencialidades. Sujeitos conscientes de seus direitos e deveres em relação ao lazer e turismo e, em consequência, uma sociedade mais democrática e igualitária.

## INTRODUÇÃO

Este projeto de extensão é uma proposta de ação comunitária, viabilizada pela parceria da Universidade Fumec com o Programa Esportista Cidadão (PEC), que envolve a Casa Menino no Parque do Parque

das Mangabeiras – órgão da Secretaria Municipal de Meio Ambiente da Prefeitura de Belo Horizonte<sup>1</sup> e outras instituições, como a AMAS, o Minas Tênis Clube, a Fiat, as ONGs Rede Cidadã e o Conselho de Pais Criança Feliz. Em 2004, o Programa Esportista Cidadão pretendeu atender 644 crianças e adolescentes do aglomerado da Serra em Belo Horizonte, em 4 núcleos, sendo eles: a oficina de esportes (Parque das Mangabeiras/quadras poliesportivas); o Projeto DOS - Drogas, Ocupação e Sexualidade - (Parque das Mangabeiras/britador); Aulas de reforço do ensino formal, Educação sexual e educação infantil (Conselhos de Pais Criança Feliz); e, por fim, oficinas de educação não-formal, como horta, jardinagem, capoeira, dança, circo, arte, informática e recreação (Parque das Mangabeiras/Casa Menino no Parque).

O projeto de extensão, desenvolvido na Casa Menino no Parque, priorizou as atividades de lazer, turismo e meio ambiente entendendo Turismo como uma possibilidade de acesso ao lazer, outro importante pressuposto teórico dessa intervenção. O lazer é um direito social garantido em nosso país pela Constituição Brasileira de 1988. É um fenômeno sociocultural, historicamente localizado, vivenciado ludicamente no tempo disponível das pessoas, ou seja, fora das obrigações sociais, familiares, religiosas, políticas, dentre outras. Vivência cultural voltada para a promoção da saúde e da qualidade de vida individual e coletiva<sup>2</sup>. O turismo é considerado, neste contexto, um de seus conteúdos culturais<sup>3</sup>. Torna-se, dentre os outros conteúdos, o principal fenômeno capaz de potencializar as atividades do lazer com fins explícitos.

Para Moesch (2003) turismo “é uma prática social, ou melhor, um campo de práticas histórico-sociais que pressupõem o deslocamento dos sujeitos em tempos e espaços produzidos de forma objetiva, possibilitador de afastamentos simbólicos do cotidiano, coberto de subjetividades e, portanto, explicitadores de uma nova estética diante da busca do prazer”. Nesta

1 Encontramos aprofundamentos sobre o papel das prefeituras em relação ao lazer em Marcellino (1996).

2 Pinto, 2001.

3 Ver Camargo, 1983.

perspectiva, o turismo não é visto como uma atividade econômica, mas como uma possibilidade de formação humana, constituinte de novos sujeitos, que por meio desta vivência, se percebem no contexto social, como cidadãos, como produtos e produtores de cultura e com noção de pertencimento democrático e consciente aos bens materiais, patrimoniais e simbólicos.

Essas concepções de turismo e lazer possibilitaram-nos ampliar o olhar sobre as dimensões sociohistórica e antropológica sobre esses fenômenos, principalmente ao atuar com comunidades menos favorecidas, por isso mesmo, excluídas de acesso. Por ser um fenômeno multidisciplinar, torna-se pertinente a intervenção por meio de atividades lúdicas, de sensibilização para uma conscientização ambiental, valorização do espaço urbano e do patrimônio histórico-cultural, uma vez que elas se relacionam na busca de um processo de fortalecimento da identidade em nível individual e coletivo.

A intervenção nesses campos demanda, portanto, a formação de profissional qualificado, competente, sensível, tolerante, agregador, sinérgico, comunicador, criativo, diante de imprevistos, com prazer por aquilo que realiza, capaz de entender as diferenças e a diversidade cultural e principalmente, comprometido com a transformação da realidade que o circunda<sup>4</sup>. O projeto de extensão tem possibilitado a aproximação entre as atividades do turismo e do lazer permitindo ao aluno-bolsista o desenvolvimento dessas competências.

## OBJETIVOS

- proporcionar às crianças e adolescentes do Aglomerado da Serra, atendidas pela Casa “Menino no Parque”, conhecer a cidade em que vivem;
- possibilitar a estes sujeitos, a construção da cidadania por meio de vivências envolvendo o lazer e o turismo, enquanto direito de todos os cidadãos;
- promover um curso de capacitação de educadores em educação ambiental;
- introduzir reflexões sobre a ludicidade entre os educadores sociais;
- permitir aos alunos-bolsistas experiências com projetos sociais visando a educação para a cidadania.

## METODOLOGIA

No ano de 2004, o projeto de extensão foi estruturado em 3 linhas de atuação, a saber: turismo de inclusão, curso de capacitação em Educação Ambiental para os educadores da Casa Menino no Parque e reflexões sobre a ludicidade e brincadeiras durante as reuniões semanais desses mesmos educadores.

A proposta “Turismo e Lazer: em busca da cidadania e da inclusão social”, pretendeu que as crianças e jovens do PEC percebessem que a cidade de BH também lhes pertence. Por isso, eles constituem o patrimônio humano que, juntamente com o patrimônio histórico e cultural, compõe a cidade. Assim, tornam-se co-responsáveis pelo seu desenvolvimento, não cabendo esta tarefa apenas ao poder público. É preciso fazer com que as pessoas aprendam a valorizar a cidade e uma das possibilidades é visitando, conhecendo, apropriando da história de seus pontos turísticos, reconhecendo-se neles.

No caso da comunidade do aglomerado da Serra, o projeto desenvolveu uma educação para o turismo e lazer, provocando um outro olhar das crianças sobre a cidade de Belo Horizonte e não só para o “morro”, como estão acostumados. Buscamos assim, fazê-los perceber que têm direito de usufruir os espaços públicos e também privados, independente da realidade socioeconômica que os circunda. Segundo Santos (1998) “quando o homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar é a sede de uma vigorosa alienação”.

Arruda (2003) nos lembra que “o conceito de participação enfatizado no princípio democrático, no qual todos os que são atingidos por medidas sociais e políticas devem participar dos processos decisórios, procura o comprometimento dos grupos envolvidos num projeto de gerência e decisão dos assuntos de seu maior interesse. No processo de preservação do patrimônio histórico e artístico, ou patrimônio humano, ou cultural, observamos uma ausência de participação popular”. Dessa forma o projeto de extensão mantém seus objetivos fortalecendo-os num processo de integração com a cidade e seu patrimônio e possibilitando o envolvimento das crianças e jovens do PEC em processos decisórios.

Por turismo de inclusão entendemos aquele que inclui seus integrantes em todos os processos contribuindo para o seu desenvolvimento humano, reconhecendo ainda

<sup>4</sup> Ver Marcelino, 2000.

a contribuição que ela pode dar no processo de formação de cidadãos (Coriolano, 2003). Considera-se cidadão “aquele ser responsável pela história que o envolve. Sujeito ativo na cena política, reivindicante ou provocador da mutação, da transformação social. Homem envolto nas relações de força que comandam a historicidade e a natureza política. Enfim o cidadão como ser, homem e sujeito a um só tempo”, como nos diz Fernandes (1992). Ações no campo do turismo relacionadas com essa concepção foram desenvolvidas com sucesso em pequenas e grandes regiões e têm contribuído para o desenvolvimento dessas localidades: fortalecendo bases, unificando pessoas e criando novos paradigmas dentro da sociedade excludente em que vivemos. Estas referências teóricas nos mobilizaram a desenvolver uma metodologia que privilegiasse a participação das crianças e adolescentes, desde a preparação, identificando o local a ser visitado por meio de pesquisas sobre as várias localidades possíveis, até a realização das mesmas. O primeiro passo consistiu em avaliar, por meio de um questionário, o conhecimento das crianças e jovens sobre a história, a cultura da cidade e seus patrimônios. A partir daí, propomos um momento de pesquisa (folders, fotos, reportagens) sobre diferentes locais. Essa pesquisa possibilitou a escolha daqueles de interesse. Definido o local, os alunos-bolsistas passaram ao planejamento da visita, que consistiu no contato com o local para requerer o monitoramento da visita, elaboração do cronograma, medidas de segurança (crachás, uniformes e autorizações), lanches, ônibus. Após a realização do passeio ao local escolhido, foram avaliados os pontos positivos e negativos, bem como o aprendizado adquirido durante o processo.

A segunda linha de ação foi denominada Capacitação dos Educadores da Casa Menino no Parque que teve duas diretrizes: a Educação Ambiental e a importância da vivência lúdica. Essas ações demonstravam a constante preocupação do PEC com a formação de cidadãos e com a fomentação de uma visão mais integrada do todo na busca de resultados efetivos que contribuíssem com a inserção de uma parcela da sociedade que é normalmente excluída em um processo mais profundo e reflexivo.

O curso de capacitação dos educadores em Educação Ambiental fundamentou-se nas idéias de Ruschmann (1997), quando afirma que é inegável o compromisso da atividade turística com a conservação da diversidade biológica, ou biodiversidade, considerada o recurso global composto pela variedade e variabilidade de todas as formas de vida no planeta Terra, sejam elas de ocorrência naturais ou domesticadas pelo homem.

Por isso, a “educação para o Turismo”, defendida pela maioria dos autores que tratam dos estudos de impacto da atividade e de seus agentes sobre o meio ambiente, envolve necessariamente a educação ambiental. Objetivou refletir sobre aspectos relacionados às três ecologias (pessoal, social e ambiental), propiciar condições teórico-práticas para a abordagem de assuntos relacionados ao homem e seu ambiente, junto às crianças e jovens, criar um espaço de discussões aprofundadas sobre o educador e seu papel em projetos sociais, qualificar a equipe de educadores e desenvolver um pensamento sistêmico que apóie as elaborações e execuções dos planejamentos individuais em cada oficina. Segundo Gadotti (2003) “a preservação do meio ambiente depende de uma consciência ecológica e a formação da consciência depende da educação”. A educação ambiental foi abordada pela Unesco em 1985 em documento que trata do treinamento de instrutores especializados e ressalta a necessidade da conscientização da humanidade sobre sua estreita relação com o meio ambiente, a fim de desenvolver os valores e a justiça social e atuar de maneira a evitar ou corrigir problemas ambientais (Unesco-Wep 1985, apud IB-Usp 1991). Por esse motivo a capacitação da equipe de educadores constituiu uma forma de sensibilização daqueles sujeitos que poderão construir uma metodologia voltada para uma educação comprometida com o meio ambiente, e ainda, articulada com todo o projeto do PEC. Foi feito um contato com a Gerência de Educação Ambiental, no sentido de reforçar a necessidade de se priorizar a Educação Ambiental dentro de um programa social desenvolvido pelo próprio Parque das Mangabeiras, como é o caso do PEC. Nesse sentido, foram realizadas várias reuniões onde ficou definido o conteúdo, carga-horária, cronograma, profissionais convidados. Os cursos, com uma carga horária total de 44 horas/aulas abordarão: os quatro pilares da educação – aprender a ser, a fazer, a conhecer e a conviver; a educação ambiental no contexto da educação informal; a metodologia de desenvolvimento da educação ambiental; técnicas de elaboração de projetos de educação ambiental; jardinagem humana e ambiental, abordagem das três ecologias; jogos pedagógicos aplicados em educação ambiental.

Por sua vez, a capacitação para a compreensão lúdica nos processos educativos, pretendeu introduzir reflexões acerca da ludicidade e prática de brincadeiras, na busca do entendimento de que crianças e jovens têm direito a viver etapas fundamentais na vida como a infância e a juventude, de forma lúdica, criativa, participativa e reconhecendo suas diferenças, limites e possibilidades.

Ao se colocarem como protagonistas da vivência lúdica, brincando, os educadores valorizam mais essa proposta e poderão desenvolver repertório de brincadeiras em diferentes momentos.

Essa capacitação previa reflexões acerca da importância da ludicidade e do lazer na vida dos sujeitos. Consistia em introduzir discussões teóricas e a vivência de brincadeiras durante as reuniões semanais dos educadores.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

- O projeto desenvolvido no ano de 2004 teve início, meio e fim. Apresentou um produto coerente com a proposta inicial. As metas e objetivos propostos foram atingidos.
- No início do projeto foram feitas 3 propostas de atuação dos estagiários: o turismo de inclusão, capacitação dos educadores e reflexões sobre a ludicidade.
- O curso de capacitação dos educadores não cumpriu o objetivo, apesar de ter acontecido várias edições. Avaliamos que era muito mais uma demanda dos alunos do que dos próprios educadores, talvez por isso, tenha ocorrido uma resistência por parte dos últimos.
- Do mesmo modo, não aconteceram as reflexões sobre a ludicidade nas reuniões dos educadores. Já foi positivo garantir um espaço para desenvolver dinâmicas nas reuniões.
- Quanto ao Turismo de inclusão:
- Foram realizadas visitas em pontos turísticos da cidade como: Fundação Zoobotânica, Igreja da Pampulha, Mineirão, Museu de História Natural, Museu de Ciências da PUC.
- Houve um envolvimento das crianças e dos outros educadores nas visitas realizadas, desde o momento da escolha do local a ser visitado, o planejamento e a realização de um seminário.
- O Parque garantiu o apoio logístico necessário ao desenvolvimento do projeto como ônibus, lanche, crachá e liberação dos educadores.
- Os principais conceitos da proposta foram discutidos com as crianças e adolescentes de forma lúdica e de fácil compreensão, como: cidadania, inclusão, lazer como direito, turismo de inclusão.
- A metodologia adotada foi fundamental: o processo foi dialogado e com a participação das crianças, desde o planejamento até a avaliação. Os objetivos eram expostos de forma clara, tanto para as crianças quanto para os educadores. Importante a definição dos combinados antes das visitas.

- A realização do seminário ao final das visitas foi o ponto culminante do projeto. As crianças, junto com os estagiários e educadores, organizaram as apresentações de forma rica e diversificada.

- Percebeu-se um maior interesse das crianças em conhecer a cidade em que vivem. Muitas conseguiram articular o conhecimento adquirido em outros momentos da vida com as possibilidades oferecidas pelas visitas. Houve melhora também na disciplina de algumas crianças. Os atos de indisciplina eram problematizados pelos educadores e estagiários no momento da avaliação.
- O processo vivido contribuiu com o amadurecimento das crianças em relação à construção da cidadania e da inclusão social.
- Pode-se perceber um crescimento dos estagiários ao longo do processo. Demonstraram capacidade de interagir com os educadores e com as crianças. Apesar da ansiedade em alguns momentos, demonstraram maturidade para resolver os problemas que surgiam. A participação no projeto por dois anos consecutivos favoreceu o desenvolvimento da criticidade e capacidade de ação.
- Foi destacada a possibilidade de articular os conhecimentos adquiridos na faculdade com um projeto social.
- A experiência do trabalho foi publicada em eventos significativos no meio acadêmico: Anais do I Seminário de Extensão Universitária da Fumec. Caderno de Artigos. Belo Horizonte: Universidade Fumec. Pró-Reitoria de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2004. p. 29-32; Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, promovido pela UFMG/setembro de 2004; Anais do XVI Encontro Nacional de Recreação e Lazer, promovido pela UFBA e SESI, Salvador, 2004. p. 48-57. Os alunos apresentaram o projeto em diferentes turmas do curso, a convite de professores de outras disciplinas.
- Demandas para 2005:
  - A Direção do Parque e a Coordenação da Casa Menino no Parque destacam a importância de continuidade do projeto de Turismo de Inclusão.
  - Destacam a necessidade de 2 estagiários no turno da manhã e 2 no período da tarde.
  - Algumas propostas: abertura da Casa aos sábados para a comunidade, projeto "Era uma vez no Parque", contação de histórias, "Um dedo de Prosa", atividade literária de 2 em 2 meses; "Diário da Casa", "Atividades recreativas", dentre outras.

## CONCLUSÕES

A abordagem do projeto de extensão tem permitido a prática de uma concepção mais social e humana sobre o turismo e o lazer, não só como possibilidade de crescimento econômico e geração de divisas, mas também como elemento formador de uma sociedade mais digna, igualitária e de sujeitos conscientes dos seus processos, direitos e deveres. Ao optar pela linha do Turismo de Inclusão Social dentro do PEC, o projeto de extensão tem possibilitado a integração dos jovens e crianças num processo participativo, promovendo a vivência do lúdico em diferentes instâncias e contribuindo para a qualificação da equipe de educadores, de forma sistêmica.

O projeto demonstra que a inserção do meio acadêmico em uma realidade social menos favorecida traz benefícios para todos os sujeitos envolvidos e pode ajudar no processo de formação de cidadãos. Compreendendo os conceitos de cidadania, participação e de patrimônio, concluímos que sua concretização ao longo da vida, é consequência da percepção dos seres e de suas histórias, culturas e valores. O projeto de extensão vem apoiar o desenvolvimento de uma compreensão da realidade dessas crianças e jovens, consciente de seu potencial transformador, considerando seus desejos e direitos. Entende-se assim, que a educação, o turismo e o lazer envolvem valores coletivos e individuais que devem ser desenvolvidos por todos os setores da sociedade. Esperamos, com essas ações, contribuir com a minimização das exclusões sociais, possibilitar construção de identidade e combater as injustiça social. Para isso, entendemos que deva existir uma sensibilização e comprometimento de todos os setores, diante da construção de uma sociedade mais igualitária, reconhecendo o lazer, o turismo e a educação cidadã como potencializadores deste processo

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, J.M.(S/D) A participação da comunidade na preservação do patrimônio cultural: da legislação à prática. In: O turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Editora Primus: Fortaleza, 2003.

BROUGÉRE, Gilles. Brinquedo e Cultura. São Paulo: Cortez, 1997.

CAMARGO, Luiz Otávio L. O que é lazer? São Paulo: Brasiliense, 1986.

CORIOLOANO, Luzia. O turismo de inclusão e o

desenvolvimento local. Editora Primus: Fortaleza, 2003.

DEBORTOLI, José Alfredo O. Com olhos de crianças: a ludicidade como dimensão fundamental da construção da linguagem e da formação humana. Licere. Belo Horizonte. V. 2. n. 1. 1999. p. 105 -117.

GADOTTI, Moacir. A Ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da Carta da Terra. Revista de Educação Pública. Cuiabá, v.12, n.21, p. 13. jan-jun. 2003 .

MARCELLINO, Nelson Carvalho. (org.). Políticas públicas setoriais de lazer. O papel das prefeituras. Campinas: Autores Associados, 1996.

\_\_\_\_\_. O lazer na atualidade brasileira: perspectivas na formação/atução profissional. Licere. Belo Horizonte. V. 3. n. 1. 2000.

MOESCH, Marutschka. Turismo e Lazer: conteúdos de uma única questão. In: Formação e desenvolvimento de pessoal em lazer e esporte. Editora Papyrus. Coleção Fazer/Lazer. 2003.

PINTO, Leila M. S. M. Dicionário Crítico de Educação: Lazer. In: Presença Pedagógica. Belo Horizonte: Editora Dimensão. V.7. n.40. jul/ago/2001.

RUSCHMANN, Doris. Turismo e Planejamento Sustentável: a proteção do meio ambiente. Campinas, SP: Editora Papyrus. Coleção Turismo, 1997.

SANTOS, Milton. O Espaço e o Cidadão. In: O turismo de inclusão e o desenvolvimento local. Editora Primus: Fortaleza, 2003.

---

# Projeto Viver a Bela Belô 2004

## EQUIPE

Coordenador:

Prof. José Henrique da Silva Junior, Graduado em Ciências Econômicas pela UFMG, Mestre em Economia pela UFMG, Mestre em Turismo e Hospitalidade pela Universidade das Ilhas Baleares – Espanha, Coordenador do Curso de Turismo e Hotelaria da Universidade Fumec.  
Eduardo Eberhart – 4º Período - Turismo  
Gustavo Queiroz – 4º Período - Turismo  
Gisele Andrade – 8º Período - Turismo  
Maria Regina Fernandes de Lima Cavalcanti – 8º Período - Turismo

## PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio – Preservação – Consciência

## OBJETIVO

A atividade turística por abranger diversos setores econômicos e contar com a participação comunitária para o bom funcionamento da mesma, necessita nos tempos atuais de um trabalho de educação e conscientização que possibilite aos futuros cidadãos intervir no processo degenerativo que põe em risco o conceito de cidade como propriedade comum e referência cultural.

## JUSTIFICATIVA

O projeto tem como objetivo criar uma consciência cidadã da importância de preservar os patrimônios históricos, naturais e culturais, da cidade de Belo Horizonte, tendo-a como própria referência de vida e lazer. O trabalho de valorização e conhecimento do patrimônio como um todo é de responsabilidade

generalizada e precisa ser realizado principalmente com aqueles que serão os futuros formadores de opinião social.

## METODOLOGIA

Leitura da bibliografia proposta, pesquisa da história da criação de Belo Horizonte, discussões em grupo, montagem da apresentação, preparação de linguagem a ser utilizada com jovens até 12 anos, excursão turística pelo centro da cidade.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

Segundo Boullon (2002), “aos hábitos cotidianos de todos os habitantes do planeta, ricos ou pobres, parecem impor-se a Coca-Cola, o Mc Donald's, o jeans, o rock, a boneca Barbie, com eles, o inglês, como a língua da comunicação universal. Mas seja na Irlanda, em Québec, entre os porto-riquenhos dos Estados Unidos ou entre os maoris da Nova Zelândia ainda são mantidos certos signos culturais diferenciadores”.

As crianças participantes assimilaram que ao passear pelo centro de Belo Horizonte, com um amigo, com seus pais ou parentes, através das ruas de sua cidade poderiam estar falando sobre sua identidade cultural. Que nasceram em uma cidade, que fica em um país. Falam uma língua própria que é o português, têm uma família, possuem suas crenças e seus costumes. E, tudo o que possuem ou que faz parte de suas vidas, são o seu patrimônio.

Os meios de interpretação empregados na montagem da palestra e da visita turística, trouxeram uma comunicação eficaz, privilegiando os seguintes critérios: estímulo à participação (a história das ruas de Belo Horizonte foi contada de forma a encorajar a criança a participar), provocação (despertando curiosidade natural com a

cidade), relevância (reconstrução do passado ilustrado com fatos presentes), ligações com o entorno (a descoberta da cidade atraindo a criança para a sua preservação) abordagem temática (a escolha de um tema central e suas histórias derivadas enfatizando a história humana), fluxo (a partir de uma rota estabelecida facilitou-se o aprendizado e a apreciação), realce do ambiente (criação de atmosfera adequada), uso do humor (escolha certa para capturar a atenção da criança) apresentação de períodos de tempo (apresentar a evolução do processo).

A incursão proposta pelo projeto alcançou seu objetivo ao conectar a criança na apreciação e valorização do patrimônio de nossa cidade. Eles entenderam que depredar e preservar são ações que afetam sua imagem. Cada criança demonstrou a sua maneira a percepção da necessidade de enfatizar os valores particulares que fazem parte da sua cidade.

Ficou claro, para as crianças e professores participantes da excursão, que a tarefa de conservar e interpretar o patrimônio de uma cidade é gigantesca e que muitas vezes não recebe a merecida atenção. Mas com o objetivo focado na necessidade de fazer crescer a consciência local sobre a preservação das características mais marcantes da cidade, no caso o arruamento contido nos limites da Avenida do Contorno, incorporando suas características no processo de manutenção dessas marcas locais.

Objetivando aguçar o olhar das crianças sobre os detalhes da cidade, ampliamos a sua atenção de um patrimônio especial, para uma perspectiva mais geral no tocante à preservação, conservação do lugar.

O olhar múltiplo é uma habilidade essencial que muitos precisam reaprender. A interpretação em cidades vivas tem melhores resultados através da análise de sua utilização pela comunidade e de como isso modifica o ambiente. A cidade deve ser um prazer que seduz, parte construção, parte lembrança, e não simplesmente uma nota que se refere ao passado.

Este sentimento de posse pela cidade, adquire-se através do conhecimento. Na grande maioria das vezes a depredação do patrimônio acontece por desconhecimento, por parte da população local, da sua história.

## BIBLIOGRAFIA

- BOULLON, Roberto C. **Planejamento do Espaço Turístico**, Bauru, SP: EDUSC, 2002
- RIBEIRO, Marília Andrés, SILVA Fernando Pedro, **UM SÉCULO DE HISTÓRIA DE BELO HORIZONTE**, Belo Horizonte: C/Arte, Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1997.
- ALBANO Celina, MURTA Stela Maris, **INTERPRETAR O PATRIMÔNIO, um exercício do olhar**, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- GOMES Leonardo José Magalhães, **MEMÓRIA DE RUAS, Dicionário Toponímico da Cidade de Belo Horizonte**, Belo Horizonte, Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

# Reforma psiquiátrica, cotidiano e cultura: os centros de convivência e a inserção social

## EQUIPE

FUMEC

Andréa Máris Campos Guerra (coord.<sup>a</sup>) – Mestre em Psicologia (UFMG), professora do Curso de Psicologia da FCH-Fumec

Maria de Fátima Augusto (professora) – Filósofa (UFMG), professora do Curso de Comunicação Social da FCH-Fumec

Pollyana Vieira e Souza (monitora) – Aluna do Curso de Psicologia da FCH-Fumec

Henrique Lisboa Carneiro (apoio técnico) – Aluno do Curso de Comunicação Social da Fumec

PREFEITURA DE BELO HORIZONTE

Políbio José de Campos Souza

Coordenadores dos nove Centros de Convivência da rede de Saúde Mental

## PALAVRAS-CHAVE

Centro de convivência; inserção social, psicose, reforma psiquiátrica.

## OBJETIVOS

O projeto previu um resgate e registro histórico e imagético dos Centros de Convivência de Belo Horizonte, com posterior publicação escrita, produção de vídeo e exposição dos trabalhos do acervo pertencente a esses serviços, em Seminário a ser realizado sobre o tema.

Nesse sentido, entendemos que esse projeto ultrapassa as ações intramuros ao evidenciar a responsabilidade social da universidade, contribuindo para a construção de uma sociedade sem manicômios.

Assim, o projeto visou resgatar a história dos Centros de Convivência no município, através de pesquisa histórica, criando estratégias de divulgação de seus resultados junto à rede municipal de Saúde e Saúde Mental, junto à Faculdade de Ciências Humanas da Fumec, à cidade e outras regiões do país, bem como organizar e expor

seu acervo com vistas a ampliar o campo de atuação desses serviços, envolvendo alunos, usuários, familiares e técnicos da Saúde Mental.

## METODOLOGIA

Trabalhamos segmentando a ação extensionista do projeto em três frentes:

- 1) pesquisa sobre o histórico e a função dos Centros de Convivência e seu lugar na rede pública de atenção à saúde do município;
- 2) criação de um documentário sobre esses dispositivos e a loucura;
- 3) composição do acervo de material iconográfico dos serviços.

## PRINCIPAIS RESULTADOS

Os Centros de Convivência têm se caracterizado como primeiro passo em direção ao resgate da subjetividade, da cultura e da cidadania dos portadores de sofrimento mental (LOBOSQUE e ABOUYD, 1998), funcionando como estratégia central no campo da reabilitação em Saúde Mental. Nesse sentido, estamos finalizando a confecção de um livro com os dados da pesquisa que podem ser resumidos, tanto para oficinairos quanto para usuários, pela idéia de que os Centros de Convivência têm crescido em reconhecimento junto à rede, sobretudo de Saúde Mental, definindo com mais assertividade sua função de convivência, inserção e despertar em relação às atividades estéticas e laborativas. Historicamente, os Centros de Convivência do município nasceram sob influência dos serviços abertos em Santos-SP. Hoje, porém, encontram uma especificidade que os define no quadro nacional da reforma, a partir do uso da arte e do artesanato, como tentativa de ampliar as possibilidades de circulação subjetiva, política e simbólica do louco e da loucura. Outro resultado é a confecção do documentário sobre os Centros de Convivência, a loucura e o estigma

social que apresenta, a partir do olhar dos usuários sua percepção de loucura, de inserção social e do preconceito e sua superação. Nesse sentido, o projeto atinge seu objetivo de potencializar o funcionamento desses serviços através dos resultados da pesquisa histórica, imagética e iconográfica realizada através dessa ação extensionista da Fumec sobre esses serviços. Além disso, está previsto para junho/2005 um seminário de divulgação do projeto e uma exposição de parte do acervo catalogado.

# Intervenção psicopedagógica na Escola Municipal Israel Pinheiro

## EQUIPE

Coordenadoras:

Carmen Cristina Rodrigues Schffer (Mestre em Educação Tecnológica – Cefet – Curso de Psicologia)

Valéria Barbosa de Resende (Mestre em Educação/FaE – UFMG - Curso de Pedagogia)

Membros da equipe:

Eliana Oliveira (10º período do Curso de Psicologia)

José Joesso Pereira (8º período do Curso de Pedagogia)

## OBJETIVOS

- Desenvolver atividades psicopedagógicas junto aos pré-adolescentes e adolescentes, que cursam 2º e 3º ciclos do ensino fundamental, avaliados pela escola como portadores de dificuldades de aprendizagem.
- Possibilitar a reestruturação da identidade dos alunos;
- Promover o letramento.

## PALAVRAS-CHAVE

Alfabetização, letramento, dificuldades de aprendizagem, identidade.

## METODOLOGIA

Pesquisa de campo visando conhecer a realidade da escola, o seu projeto pedagógico, a quantidade e qualificação dos professores, os projetos desenvolvidos na escola, o perfil dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem e a relação que a comunidade desenvolvia com a escola. Todos os dados foram levantados através de entrevistas e questionários junto à coordenação pedagógica e professores da escola. Organização de oficinas para atendimento dos alunos com dificuldade de aprendizagem: foram atendidos 32 alunos do 2º ciclo e 12 alunos do 3º

ciclo, organizados em grupos (de 6 a 8 integrantes), preservando os pares de idade. As oficinas foram realizadas no espaço escolar, em horário extra-escolar. Realizou-se análise dos registros das atividades durante o período de execução do mesmo.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

- Avanço significativo no processo de alfabetização e letramento dos alunos que apresentaram uma participação ininterrupta;
- Melhoria da auto-imagem dos pré-adolescentes e adolescentes que apresentavam dificuldades de aprendizagem;
- Modificação nas relações interpessoais: manifestação de afeto nas relações com os colegas, diminuição do limiar de frustrações; persistência nas atividades, redução da agressividade, insegurança e medo e, conseqüentemente, potencialização da auto-estima, demonstraram interesse pela leitura e para produzir textos.

## Intervenção Psicopedagógica em uma Escola Municipal

O projeto de intervenção psicopedagógica foi realizado em uma Escola Municipal, situada na região leste de Belo Horizonte, teve duração de nove meses. Na intervenção foi realizado diagnóstico visando conhecer a realidade da escola, do bairro e a relação da comunidade com a escola.

O Bairro Alto Vera Cruz situa-se na região leste de Belo Horizonte. É uma região que possui alta densidade demográfica, a comunidade enfrenta uma série de problemas ambientais e de ocupação. São poucas as casas com quintais, pois logo são ocupados com novas construções, que surgem devido ao crescimento das famílias, adquirindo um formato de amontoado de habitações. A maioria das habitações é construída somente com tijolos sem reboco e pintura, cobertas com telhas de amianto. Possui rede elétrica, saneamento básico. O acesso é feito através de becos ou ruas

estreitas. Espaços para lazer e práticas esportivas praticamente não existem. A região apresenta altos índices de violência, desemprego, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez na adolescência e muitos outros problemas estruturais, agravados pela conjuntura econômica.

O perfil do bairro apresentado pela mídia consiste numa localidade de alta periculosidade, onde residem pessoas de baixa renda, que são submetidas constantemente a crimes violentos devido às organizações do tráfico de drogas.

Mesmo com todo esse quadro de discriminação e exclusão social, a comunidade é organizada e conta com associação de bairro, com diversos grupos culturais e entidades que atuam na defesa dos interesses dos moradores.

A Escola Municipal, em que foi realizado o projeto, foi fundada em 1976 e, atualmente, conta com dezesseis salas de aulas, laboratório de ciências e informática, sala de artes, de culinária, biblioteca, cantina, secretaria, sala dos professores, dois banheiros e duas quadras, sendo uma delas coberta.

A rede municipal está organizada a partir das diretrizes do Programa da Escola Plural, assim, o novo ordenamento do tempo por ciclos foi definido por identidades de idade de formação, conhecimentos, experiências, valores e significados sociais. O ciclo da infância compreende as idades de 6 a 8 anos, o ciclo da pré-adolescência de 9 a 11 anos e o ciclo da adolescência de 12 a 14 anos. São atendidas duzentas e vinte e cinco crianças no primeiro ciclo, cento e cinquenta no segundo ciclo, seiscentos e trinta adolescentes no terceiro ciclo do ensino fundamental e quinhentos e sessenta jovens e adultos no ensino regular noturno.

Funciona em três turnos (manhã, tarde e noite), com vinte e quatro professores por turno. Possui uma média de 1.600 alunos e 30 funcionários nos três turnos.

Em 2001 a escola reestruturou seu projeto pedagógico visando possibilitar ao aluno relacionar os conhecimentos entre si e entre as diferentes áreas do conhecimento e com o cotidiano e capacitá-lo para enfrentar as incertezas do mercado de trabalho.

A escola desenvolve, também, projetos articulados com a comunidade local, visando ampliar e reforçar seu papel de agente educacional e prestadora de serviços socioculturais à comunidade.

Após o levantamento diagnóstico da comunidade e da escola, iniciaram-se os encontros com os alunos pré-adolescentes e adolescentes selecionados pela coordenação pedagógica.

Foram selecionados trinta e dois alunos do segundo ciclo

e doze alunos do terceiro ciclo do ensino fundamental para participarem das atividades psicopedagógicas que foram realizadas no espaço físico da escola, fora do horário escolar dos alunos.

A coordenação pedagógica e a direção diagnosticaram como as principais dificuldades enfrentadas pelos sujeitos encaminhados, os seguintes aspectos: agressividade, falta de limites, dispersão, distúrbios de comportamentos, repetências, apatia, dificuldades de aprendizagem e falta de interesse do aluno e da família pela educação formal. Mesmo com esse diagnóstico prévio fornecido pelos representantes da escola, optou-se por elaborar um outro diagnóstico a partir do olhar psicológico e pedagógico. Nos primeiros encontros, realizou-se entrevista individual e em seguida foram estruturados os grupos. Através de atividades projetivas (tais como desenhos, colagens e produção de textos) pôde-se delinear o perfil dos pré-adolescentes e adolescentes que foram atendidos pelo projeto. Observou-se que os sujeitos apresentavam as primeiras relações afetivas marcadas pelo abandono e rejeição, contribuindo para a formação de uma identidade com fortes traços de insegurança, medo e auto-estima baixa. A realidade deles torna-se vinculada à dos pais; seus desejos, preocupações e insegurança são os mesmos dos adultos e se vêem obrigados a amadurecer mais depressa que as crianças que não se encontram nas mesmas condições de vida. O mundo da fantasia é rapidamente substituído pelo mundo dos adultos. Logo auxiliam no sustento da casa ou vão para as ruas buscar uma forma de sobrevivência.

O limite é colocado através do espancamento, das punições e da polícia. Há uma repetição da educação recebida pelos pais e passada para o filho que acaba sendo vítima desse processo.

Os adolescentes também se vêem obrigados a assumir precocemente o papel de adultos; ainda nem superaram as características infantis e passam a ter responsabilidades de adultos. É comum o sentimento de menos valia, insegurança e de medo, somado à "crise" da própria adolescência. Provenientes de famílias sem pai ou pai ausente, cabendo à mãe, quando presente, toda a responsabilidade pela educação do filho.

A sexualidade é vivida de forma reprimida ou exacerbada. Para as adolescentes o sexo oposto aparece como ameaça ou proteção. Em algumas é freqüente o medo inconsciente de prostituir, engravidar e repetir o mito familiar, enquanto outras vêem na maternidade uma forma de adquirir status e valorização social. Para os adolescentes do sexo masculino, a sexualidade é vista de forma objetual, inconseqüente e sem preocupação para com a parceira.

O álcool e as drogas estão presentes em suas vidas ou no meio familiar e na própria comunidade, configurando-lhes uma identidade onipotente e “superação” imediata das dificuldades.

A falta de assistência por parte da família, do Estado e a própria condição socioeconômica levam os pré-adolescentes e adolescentes a se desinteressarem pelos estudos e a buscar, precocemente, no mundo da rua (trabalhos informais, tráfico de drogas e roubos) uma forma de se autogerir.

Os sujeitos atendidos pelo projeto possuíam uma identidade marcada por traços de insegurança, medo, ansiedade, auto-estima baixa devido ao contexto de exclusão em que viviam. Todos esses fatores acarretavam dificuldades de aprendizagem na apropriação da leitura e da escrita, pouco aproveitamento do ensino e conseqüentemente limitações nas possibilidades de inserção social via trabalho.

Os grupos de trabalhos foram estruturados na forma de oficina. Neste estudo, define-se o termo oficina como sendo:

“Um trabalho estruturado com grupos, independentemente do número de encontros, sendo focalizado em torno de uma questão central que o grupo se propõe a elaborar, em um contexto social. A elaboração que se busca na oficina não se restringe a uma reflexão racional mas envolve os sujeitos de maneira integral, formas de pensar, sentir e agir” (AFONSO, 2000:9).

Nas oficinas, as atividades pedagógicas e psicológicas voltaram-se para a reestruturação das identidades e para o desenvolvimento do letramento. As oficinas foram desenvolvidas no período de nove meses, com duração de uma hora semanal. Os grupos eram compostos por seis ou oito sujeitos, com participantes do sexo masculino e feminino, homogêneo em termos da faixa etária. O trabalho iniciou com uma conversa que teve por objetivo possibilitar aos estagiários entenderem a representação social que o grupo tinha em relação à figura do psicólogo, do pedagogo e da aprendizagem em suas vidas. Em seguida, foi explicado e informado aos participantes do grupo sobre a atuação dos coordenadores do grupo, os objetivos do trabalho, o sigilo e foi estabelecido o contrato de trabalho. Nesse contrato ressaltou-se a necessidade de uma participação efetiva nos trabalhos.

As oficinas desenvolvidas seguiram os momentos propostos por Afonso (2000). Para cada encontro,

o momento inicial era utilizado para aquecimento ou relaxamento; o segundo momento, para introdução do tema, discussão e um fechamento, a partir de orientações interativas e, por último, o encerramento através de uma avaliação do encontro.

Os estagiários enquanto coordenadores das oficinas tiveram papel relevante na condução do grupo, criando espaços que propiciavam reflexões, indagações e diálogos sobre as atividades trabalhadas. Esses espaços contribuíram para a elaboração das informações recebidas e discussões de valores, dos obstáculos emocionais, cognitivos e pedagógicos que dificultavam a apropriação da leitura e da escrita dos pré-adolescentes e dos adolescentes.

No desenvolvimento do projeto psicopedagógico, enfatizou-se as dificuldades de aprendizagem na apropriação da leitura e da escrita como um processo que envolve o sujeito em suas dimensões cognitivo, afetivo, social e cultural. Assim, entende-se que a escola participa da produção de dificuldades de aprendizagem, ou seja, quanto maior a rigidez do sistema educacional, a homogeneidade existente, quanto mais ênfase for dada aos objetivos cognitivos frente aos emocionais, artísticos, quanto menor a capacidade de adaptação, flexibilidade e oferta global oferecida pela escola, maiores as possibilidades de que existam alunos que se sintam desvinculados dos processos de aprendizagem e manifestem, por isso, maiores dificuldades.

Com relação à aquisição da linguagem, esta não é vista como um processo mecânico, no qual o sujeito enuncia e repete sons vocais somente quando há um estímulo do ambiente, mas é entendida como produto de uma construção ativa do sujeito em interação com o objeto de conhecimento. Assim, aprender a ler e escrever é apropriar-se dos bens sociais e culturais de uma sociedade.

Considerando que os sujeitos aprendem em situações de significação, as atividades desenvolvidas nos grupos foram organizadas a partir dos interesses e das práticas sociais de leitura e de escrita e visavam evidenciar os sentimentos, as hipóteses sobre a leitura e escrita e desenvolver a concentração e autonomia.

As atividades de leitura envolviam a interpretação de diferentes gêneros textuais (história em quadrinhos, letras de música, textos informativos, poemas) e as atividades de escrita envolviam o nome próprio e a produção de histórias com coerência e coesão.

Verificou-se que, no início das atividades, os sujeitos apresentavam dificuldades para compreender o que era solicitado, interpretar e executar a tarefa proposta. Muitos alunos não conseguiam realizar nenhum tipo de atividade,

devido ao receio de serem avaliados e por não estarem alfabetizados. Diante da incapacidade, muitos alunos solicitaram aos estagiários que escrevessem no quadro para que copiassem a resposta.

Diversas atividades foram elaboradas com objetivo de conhecer a identidade dos alunos, como são, como se vêem e se definem. Constatou-se que os alunos apresentavam dificuldades ou mesmo não sabiam definir suas características, devido à auto-imagem desqualificada que possuíam sobre si mesmo. Apresentavam dificuldades em acatar as normas sociais, baixo limiar de frustração, alto nível de agressividade, dificuldade de concentração e receio do novo.

Em outras atividades, optou-se por desenvolver a concentração, a percepção, e estimular a curiosidade diante do novo. Foi proposta a montagem de um tangran de sete peças, em duplas. O grupo apresentou desconhecimento das figuras geométricas (círculo, quadrado e retângulo) e dificuldades para montar a figura. Após apresentação das figuras geométricas e explicação dos estagiários de como montar a figura, o grupo conseguiu realizar a atividade. Ao final da atividade o grupo encontrava-se menos resistente ao novo e arriscando um pouco mais.

Atividades desafiadoras também foram elaboradas (caça-palavras, palavras cruzadas, acróstico). Com essas atividades foi possível levar os alunos a conhecerem as letras do alfabeto e identificarem a seqüência das letras na composição dos nomes, estimular a concentração e valorizar a identidade de cada participante. O grupo demonstrou interesse pela atividade, aprenderam as letras, conseguiram encontrar o nome dos colegas no caça palavras e foi trabalhada a extinção dos apelidos e a importância do respeito ao outro.

Optou-se por trabalhar com músicas que fossem ao encontro do gosto e da realidade dos alunos e da comunidade. Primeiramente ouviam a música, em seguida, cantavam acompanhando a letra. Os alunos manifestaram grande interesse pela atividade, quando não sabiam ler a letra da música, construíam estratégias para encontrar algumas palavras, identificando rimas e aliterações. Outra atividade desenvolvida com as letras de músicas foi proporcionar uma discussão a partir da relação da temática apresentada na música com a história de vida de cada um e da comunidade.

Nos quatro grupos organizados, sendo dois com alunos do segundo ciclo e dois com alunos do terceiro ciclo, verificou-se, a partir das oficinas realizadas e a análise dos registros das atividades, que houve uma modificação nas relações interpessoais, na manifestação de afeto nas relações com os colegas; diminuição do limiar de

frustração, persistência na realização das atividades; redução da agressividade, insegurança e medo e, conseqüentemente, aumento da auto-estima.

Houve avanço significativo no processo de alfabetização e letramento dos alunos que apresentaram uma participação ininterrupta.

A seguir serão apresentados alguns casos em que houve um avanço significativo no processo de construção do sistema de escrita e na aquisição de habilidades para produção de textos com coerência.

O pré-adolescente J, 10 anos, 2º ciclo, no mês de setembro/2004, quando foi instado a escrever uma lista de brinquedos que gostava, produziu a escrita "CAIU" para carrinho. Segundo a teoria psicogenética de Emilia Ferreiro, J encontra-se na fase silábico-alfabética, ou seja, algumas sílabas já consegue grafar fonologicamente (CA) e outras ainda coloca uma letra para cada sílaba (representado a última letra foneticamente, ou seja, próximo a forma como fala). No mês de novembro, foi realizada uma atividade utilizando encarte de supermercado, em que o pré-adolescente deveria recortar figuras de alimentos não-perecíveis e escrever o nome do alimento. J produziu a seguinte escrita para carne de boi: "CANEDEBOI". Percebe-se um avanço no processo de construção do sistema de escrita alfabético, ou seja, o pré-adolescente procura representar todos os fonemas que compõem a palavra. As dificuldades apresentadas se referem a grafia de todos os sons de uma sílaba complexa (CAR) e desconhecimento de uma convenção da escrita de que as palavras são separadas por um espaço (segmentação das palavras).

As produções abaixo visam apresentar os avanços alcançados pelos sujeitos no processo de aquisição de habilidades para produção de textos com coerência.

## PRODUÇÃO 1

lebrei quando Eu era pequena  
Eu brincava com meus primos  
e no futuro quero de medicina  
para mim ser medica  
Eu preciso estudar  
Eu estudo e agundo mim mãe

A produção 1 da adolescente D, 13 anos, 3º ciclo, foi realizada após a dinâmica da viagem induzida e propunha a escrita de um texto que retratasse o passado, presente e futuro. Apesar de apresentar palavras ortograficamente incorretas e o desconhecimento de algumas convenções da escrita (uso de letra maiúscula, pontuação e paragrafação), percebe-se que a adolescente consegue transmitir suas idéias com coerência e a partir de seu texto é possível conhecer um pouco da sua história e desejos.

A produção 2 da adolescente N, 14 anos, 3º ciclo foi realizada a partir da solicitação da produção de um artigo jornalístico apresentando o bairro Alto Vera Cruz. Nesta atividade houve envolvimento de todo o grupo, suscitou a necessidade de realizar uma pesquisa sobre a origem do bairro e da escola.

Quanto às dificuldades para implementação do projeto, destacam-se o limite do tempo, a freqüência inconstante de alguns alunos e as condições de infra-estrutura, tais como: desorganização da escola para disponibilizar o espaço; desconhecimento, por parte da maioria dos professores, dos objetivos do projeto; muitas vezes, o grupo de trabalho se transformou em um espaço para atender alunos com problemas de comportamento.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, as contribuições superaram as dificuldades, sendo elas: encontros sistemáticos para planejamento; integração entre os estagiários da pedagogia e psicologia;

## PRODUÇÃO 2

A comunidade  
Alto Vera Cruz  
na comunidade do Alto Vera Cruz  
tem muita violência, mas  
também tem muita oportunidade  
de saber dar sua. Logo assim no  
ciame oferece muitos projetos para  
que as crianças frequentem as aulas  
mas também tenta tirar as aulas  
da sua ra minha escola os adultos  
eu tenho muita oportunidade de aprender  
e ser alguém nessa vida. Eu gostaria  
de ser veterinária, porque desejo ser  
muito bem quida dos animais.

desenvolvimento de atividades integradas entre pedagogia e psicologia; envolvimento do grupo atendido.

Após o encerramento do projeto, foi feita uma avaliação junto à direção e coordenação pedagógica, professores e equipe composta pelas coordenadoras do projeto e estagiários visando ressaltar alguns pontos críticos que mereceriam uma atenção especial por parte dos administradores da escola, tais como: a necessidade de apresentar e discutir os projetos implementados na escola juntamente com a coordenação pedagógica e professores, visando à construção de estratégias coletivas de intervenção; articular os diversos projetos desenvolvidos na escola, evitando a pulverização das ações; organizar reuniões com os professores para avaliar o desenvolvimento dos alunos atendidos nos projetos, ao longo do ano; e a necessidade de envolver a família no desenvolvimento dos projetos.

Para finalizar, pretende-se dar voz aos alunos, esses mesmos alunos que foram silenciados durante muitos anos de escolarização. Os comentários, dos alunos participantes do projeto, apontam para uma avaliação positiva do mesmo.

- "Legal, bom, aprendemos muitas coisas, escrever mais, ler, ensinou comportamento, educação com os outros, não brigar e por apelidos" (W – aluno do segundo ciclo).
- "Vocês estão incentivando a gente, hoje presto mais

atenção nas aulas” (J.E. – aluno do terceiro ciclo).

- “Foi bom porque mudei meu comportamento que era muito rebelde e hoje acho que estou melhor” (A – aluno do segundo ciclo).

- “Foi bom para aprender a ler e a escrever rápido.

Aprendi coisas diferentes” (D. – aluno do terceiro ciclo).

O presente projeto procurou tratar a questão das dificuldades de aprendizagem em um contexto mais amplo: psicológico, pedagógico, social e cultural. Muito próximo da abordagem dos estudos apresentados no livro: Dificuldades de aprendizagem na alfabetização, no sentido de trabalhar com as potencialidades das crianças, a partir de seus conhecimentos prévios, numa perspectiva de letramento. (SENA, 2000). No desenvolvimento do projeto, procurou-se romper com o princípio de que o problema está nos alunos e que somente eles poderão resolvê-los, evidenciou-se o sujeito não para culpá-lo de seu fracasso, mas dando-lhe voz. Quando se dá voz ao sujeito, é possível perceber as representações construídas sobre seu próprio fracasso e atuar na modificação de sua auto-imagem, mostrar que ele é capaz de aprender e que existe um mundo letrado a ser explorado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, L. (org.) Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial. BH: Edições do Campo social, 2002, 151 p.

SENA, Maria das Graças C. GOMES, Maria de Fátima C. (orgs.). Dificuldades de aprendizagem na alfabetização. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, 168 p.

# Orientação psicopedagógica para os estudantes do 1º ciclo do ensino fundamental da escola municipal: uma abordagem lúdica para formação de valores morais

*“a educação moral deve se diluir despercebidamente nos modos gerais do comportamento que são estabelecidos e regulados pelo ambiente social.” (Vigotski)*

## EQUIPE

### COORDENADORES

- Prof. MsC. Custódio Cruz de Oliveira e Silva (Mestre em Ciências da Educação) - curso de Psicologia
- Prof.ª MsC. Thaís Estevanato (Mestre em Ciências da Educação) - curso de Pedagogia

### MEMBROS DA EQUIPE

- Cristiane Gontijo da Silva (bolsista - Curso Psicologia- 8º período)
- Lucimara Lara Magalhães (bolsista - Curso Pedagogia- 5º período)

## OBJETIVOS

- Possibilitar ao aluno do primeiro ciclo vivenciar, no âmbito da sala de aula e extra-sala, atividades lúdicas e recreativas que valorizem o respeito mútuo, a justiça, o diálogo e a solidariedade nas relações estudante-estudante, professora-estudantes.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação, formação de valores, respeito mútuo, justiça, diálogo, solidariedade.

## METODOLOGIA

A metodologia utilizada para o desenvolvimento do projeto consistiu na Revisão de Literatura sobre a temática, priorizando-se a análise dos Parâmetros

Curriculares Nacionais (PCNs) dos ciclos iniciais do Ensino Fundamental, e a Proposta de Educação da Unesco para o Século XXI. Foi realizado um diagnóstico para a leitura da realidade, utilizando a observação e a entrevista. As observações foram realizadas durante o intervalo das aulas, coletando-se dados sobre o comportamento, brincadeiras e interesses dos estudantes e o envolvimento destes com as professoras. Quanto à entrevista, esta foi realizada com duas professoras coletando-se dados sobre a concepção de brincadeiras, os materiais e recursos existentes na escola e sua utilização pelas professoras.

A proposta foi elaborada com participação das gestoras e professoras da instituição. A análise dos dados possibilitou a elaboração do programa de atividades lúdicas que foi desenvolvido junto aos estudantes do primeiro ciclo da escola, no turno da tarde. Durante todo o processo os professores orientadores se reuniam, semanalmente, com as bolsistas para orientação e discussão das atividades e implementação da proposta.

## RESULTADOS ALCANÇADOS

A execução da proposta contribuiu para estreitar as relações interpessoais: estudantes-estudantes; estudantes-professora e a aproximação da escola com os familiares, por meio das reuniões com os pais/responsáveis (escola de pais) e a comunidade na qual a instituição está inserida.

## RESUMO

Nos anos 90, a UNESCO, patrocinou um evento, em caráter mundial, para se discutir a Educação para o século XXI, buscando uma concepção de educação que promovesse a paz, a liberdade e a justiça social. O resultado deste evento (conhecido como Relatório Jacques Delors - Educação um tesouro a descobrir) ampliou a concepção de Educação, ao propor uma formação holística de homem, pautada em quatro aprendizagens: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a viver juntos, aprender a viver com os outros e aprender a ser. Neste contexto, a Educação não se limita apenas a construir o conhecimento (aprender a conhecer; aprender a fazer); ela deve propiciar, também, a aprendizagem do social para além do sistema educativo, envolvendo a família e a comunidade, possibilitando, desta forma, uma educação que priorize o conhecimento sobre o outro, sua história, sua espiritualidade, sobre si própria. Assim, esta concepção de educação, nas esferas cognitiva e social, contribui para uma melhora nas inter-relações familiares, institucionais, como também melhorar a compreensão de mundo, contribuindo desta forma para que as pessoas possam desenvolver suas competências, e participar ativamente de um projeto de sociedade.

No Brasil, em dezembro de 1996, a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) valoriza a concepção de Educação para o século XXI, proposta pelo Relatório J. Delors. Como consequência, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), para as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental delimitam, nos Temas transversais, os conteúdos da Ética: o respeito mútuo (reciprocidade, respeito à cultura, etnias, religião, às diferenças), a justiça (compreensão da necessidade de leis que definem direitos e deveres, atitude de justiça para com todas as pessoas e respeito aos seus direitos, reconhecimento de situações em que a equidade e igualdade representam a justiça, ou seja: ênfase às regras diferenciadas em função da idade, capacidade, regras de funcionamento da classe, cumprimento de horários), o diálogo (valorizado como instrumento esclarecedor de conflitos, ato de escutar o outro, disposição para ouvir o outro: suas idéias, opiniões e argumentos) e a solidariedade (atuação no cotidiano e em situações especiais, sensibilidade para o ato de ajuda a outras pessoas em situações cotidianas e especiais).

Estes parâmetros tornaram-se referência para a elaboração da proposta. O programa foi implantado sob a forma de uma parceria entre a Faculdade de Ciências Humanas da FUMEC e a Escola Municipal, localizada na região norte de Belo Horizonte, que atende também à comunidade formada pelos bairros São Tomás e Vila Aeroporto. A escola localiza-se próxima às margens do Córrego do Onça, na entrada de uma favela. As moradias circunvizinhas à instituição são simples, de alvenaria, algumas com dois pavimentos.

A região próxima à escola é considerada área de tensão social devido ao tráfico de drogas, assassinatos e roubos, caracterizando-se também pelo desemprego. A rua é asfaltada, com luz elétrica e saneamento básico. A escola é servida por linha regular de ônibus e linha alternativa integrada ao metrô. A estrutura física da escola retrata a construção dos anos 70 (alvenaria, dois andares). O mobiliário das salas de aulas e administrativo são simples, porém eficientes. A área de convivência é pavimentada, com um parquinho com alguns brinquedos, que ficam em uma área fechada. O pátio é pouco arborizado e, próximo aos muros, observa-se o plantio de algumas hortaliças.

A equipe do projeto em contato com a diretora foi informada sobre a importância de enfatizar temas como a violência, valores e educação; uma vez que a violência não está localizada fundamentalmente no interior da escola; mas “fora”, ou seja, em casa ou na rua.

Em 2003, os coordenadores do projeto em parceria com a Escola realizaram uma pesquisa cujos resultados apontaram para:

- a importância do aprendizado dos limites nas atitudes;
- a necessidade da escola conjugar esforços na formação de valores e no desenvolvimento de condutas relativas à liberdade, à autonomia e à disciplina, em proximidade com a família;
- a necessidade de orientar a todos na educação dos estudantes principalmente quanto à agressividade;
- a necessidade de melhorar a comunicação entre as docentes sobre o aprendizado do ser e conviver.

Nesta época já se percebia a importância de um trabalho envolvendo a formação de valores voltada tanto aos professores quanto aos alunos (sem exclusão), numa relação que promovesse a educação através do desenvolvimento e da organização da personalidade dos alunos.

Neste mesmo período foi também realizado um pré-diagnóstico da situação de alguns processos da formação de valores morais na Escola. Na análise dos dados uma declaração que nos pareceu significativa a respeito da dificuldade das professoras em “disciplinar” ou de trabalhar com a turma sob a alegação de que alguns alunos atrapalham o desenvolvimento das aulas: “minha maior dificuldade é a disciplina de alguns alunos”. Ou seja, se há alguns estudantes que apresentam condutas que “atrapalham” o trabalho da professora com a turma, uma análise possível e necessária a este tipo de alegação é a de que esta forma de prática educativa estaria em crise, o que permitiria uma crítica a seus objetivos e métodos.

Da mesma forma quando as professoras abordavam sobre a “ausência de limite nas ações” e da “agressividade dos alunos”, é preciso indagar sobre estas e trabalhar o desenvolvimento da prática e da consciência de regras na relação professora-turma-estudantes.

Seria realmente possível um enfoque aos problemas de relacionamento de “alguns alunos” sem levar em conta o relacionamento entre professoras? O que se denota das respostas das professoras quando da análise dos dados é que os problemas de relacionamento são próprios dos alunos, isto é: existe entre eles; enquanto que para a maioria das professoras, elas afirmam, que estes problemas não existem. A concepção manifestada por uma das professoras sugere uma resposta positiva para esta questão: “as relações interpessoais devem ser a construção de valores significativos ao projeto de vida de cada aluno”.

Para que isso aconteça a escola deve cuidar da comunicação entre as professoras para que se fortaleça esta formação de atitudes. Um exemplo negativo sobre a forma como se processam as comunicações entre professoras seria a categorização dos alunos que costuma existir nas falas das professoras. Um dos aspectos negativos neste tipo de atitude é o seu valor

intrínseco de exclusão. E sobre isso é bom lembrar que um dos compromissos sociais do sistema da Escola Plural é justamente a educação para todos, ou seja, uma escola inclusiva, por princípio.

De modo geral, as professoras consideram que as famílias devem partilhar com a escola o “acompanhamento da vida escolar dos filhos” e para isso seria necessário a escola oferecer alguma orientação educativa também para os familiares. Realizada uma pesquisa no turno da tarde, envolvendo o universo composto pelas 18 professoras e uma amostragem realizada com 55 alunos (5 de cada sala) do referido turno, contactou-se que:

- A equipe docente é formada por professoras especializadas (2 de Educação Física e 1 de Artes, com formação superior em pedagogia) e professoras regentes que atuam segundo os princípios da proposta pedagógica da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte (Escola Plural), uma coordenadora pedagógica de turno, com formação em assistência social, e uma professora de projeto. O projeto político pedagógico da instituição tem sido elaborado pelas professoras e as gestoras.
- Do universo das docentes, 78% possuem formação universitária enquanto que 22% possuem apenas o curso de magistério, nível de ensino médio. Das professoras com formação superior, 71% são pedagogas, enquanto que 29% têm formação nas áreas de letras, comunicação social, psicologia e arte. 18% têm tempo de casa abaixo de um ano (de três a seis meses); enquanto que as demais têm um tempo variado entre 2 a 26 anos.
- Sobre o ambiente social e familiar dos estudantes obteve-se as seguintes características:

- Número de irmãos: 13% são filhos únicos; 62% têm de 1 a 2 irmãos (sendo 35%, 1 irmão) enquanto que 25% têm de 3 a 9 irmãos.
- Responsável pelo sustento da casa: a predominância é feminina (84%). O universo masculino consta apenas de 11% (envolvendo pai e irmão). Apenas 4% dos lares contam com o sustento do casal.
- Escolaridade do responsável: neste quesito há uma ampla variação, agrupada desde analfabetos (5%), ensino fundamental incompleto (64% categorizados desde a 1ª a 7ª séries, com maior incidência na 4ª e 5ª), fundamental

completo (15%), ensino médio completo (4%). Apenas 13% não declararam rever arredondamentos.

• Renda: a variação da renda familiar retrata uma população carente, com baixo nível econômico: apenas 11% dos lares recebem mais de R\$ 300,00 mensais. A maior concentração, 58%, situa-se na faixa de um salário mínimo/mês, com variação entre R\$ 200,00 a R\$ 300,00, enquanto que 15% vivem com menos de meio salário mínimo, variando entre bolsa-escola (1 família) e R\$ 100,00/mês.

A partir destas constatações., o projeto para a formação de valores, contemplando a abordagem lúdica teve como finalidade oferecer condições para o desenvolvimento holístico dos estudantes, valorizando as dimensões física, intelectual, afetiva e social. Realizou-se reuniões com as professoras, auxiliares de ensino discutindo-se sobre a formação de valores. Também foi realizada uma entrevista com duas professoras com o objetivo de conhecer quais materiais e recursos eram utilizados na escola no horário do recreio. A análise dos dados desse diagnóstico permitiu constatar que as brincadeiras desenvolvidas na escola contemplavam futebol, que integrava poucos alunos e pular cordas, brincadeira destinada a um pequeno grupo de meninas. Os materiais que a escola dispunha eram os jogos pedagógicos, que não eram muito utilizados pelas professoras; atividades de leituras na biblioteca e outras atividades na sala de fantoches. Na realidade, o material pedagógico da escola era considerado brinquedo lúdico; entretanto, para os estudantes, esse material não era disponibilizado nem mesmo na sala de aula. A análise dos dados constatou também que nem todas as professoras tinham interesse em utilizar os recursos pedagógicos disponíveis na escola.

Por esta razão as atividades lúdicas foram desenvolvidas sem imposição; uma vez que o lúdico trabalhado de forma mais livre, possibilitaria o retorno às brincadeiras simples, realizadas inicialmente com um pequeno grupo de alunos. Iniciada a brincadeira, as outras crianças se aproximavam espontaneamente, movidas pela curiosidade. A continuidade das brincadeiras, com o tempo passou ser direcionada pelas sugestões das crianças para que elas pudessem sentir prazer e conduzir as brincadeiras até que surgiram propostas para serem desenvolvidas na biblioteca com as contações de estórias. Várias atividades foram desenvolvidas, como a amarelinha, brincadeiras de roda, andoleta, pular corda. Em um determinado momento, uma das bolsistas parou de bater a corda e

começou a pular corda junto com as alunas. Percebeu-se reações positivas e de entusiasmo das crianças e espanto por parte da instituição; pois pode-se verificar, durante os momentos do recreio um distanciamento físico e afetivo entre as professoras e estudantes. Entretanto, ressalta-se que a relação afetiva entre professoras-estudantes constitui uma relação importante no processo educativo, uma vez que essa inter-relação coletiva favorece o processo ensino-aprendizagem, tanto na esfera cognitiva como socioafetiva.

O trabalho realizado com os estudantes teve o propósito de uma orientação psicopedagógica, utilizando atividades recreativas e jogos, para que estes pudessem realizar a representação simbólica de sujeito e seu mundo. Com esta abordagem tentou-se garantir a formação de valores envolvendo dois pólos de relação: estudantes-estudantes e professoras-auxiliares de ensino, para se desenvolver os dois pilares de aprendizagens propostos pela Unesco: aprender a conviver e aprender a ser – que constituem um dos grandes desafios para a educação. Ficou evidenciado a necessidade da escola conjugar esforços na formação de valores e no desenvolvimento de condutas relativas à liberdade, autonomia, disciplina, através de um trabalho conjunto com a família. Ressaltou-se no desenvolvimento das atividades lúdicas a importância do aprendizado nos limites das atitudes para os estudantes. É preciso promover a compreensão das regras pelas crianças e orientar a prática dessas regras nas brincadeiras.

O desenvolvimento do projeto contribuiu para aproximação dos envolvidos (equipe do projeto/escola) com o Centro Cultural São Bernardo, momento em que o coordenador do Centro Cultural, um brincante, contribuiu como projeto, abordando o seu trabalho e forma de atuação no referido centro; desenvolvendo brincadeiras de forma informal, da mesma maneira como ocorre nas ruas, mediando a relação e os conflitos que surgem entre as crianças. Os coordenadores do projeto foram convidados a participar do planejamento e, a apresentar na Escola de Pais o tema sobre auto-estima. Este encontro contribuiu para uma aproximação da escola com os familiares dos estudantes; uma vez que uma das atividades programada, para este encontro de pais, consistia em confeccionar um brinquedo e levar para casa; participar de jogos e brincadeiras que pudessem ser realizadas em casa com as crianças; contribuindo assim para a aproximação dos pais e crianças.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Phillipe. História Social da Criança e da Família. 2ª ed., Rio de Janeiro, Editora Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BLANCO Pérez, A. Sociologia. Havana, ed. ISPEJV, 2001.

BRASIL - MEC - Secretaria de Educação Fundamental, Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais: ética.. 2ª ed. Rio de Janeiro, DP&A, 2000, v. 8.

CASTELLANOS SIMONS, Doris. Los proyectos educativos: una estrategia para transformar la escuela. Havana, ed. ISPEJV, 2001.

DELORS, J. Educação um tesouro a descobrir – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 4ª ed., UNESCO – MEC Cortez: 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. Psicologia Educacional: uma avaliação crítica. in LANE, S. & CODO, W. (orgs.). Psicologia Social - o homem em movimento. 3ª ed. ed. Brasiliense, São Paulo, 1985.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia Pedagógica. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI – El desarrollo de los procesos psicológicos superiores. Ed. Crítica, Barcelona, 1979, p. 94.

# Projeto desportivo sociocultural

## EQUIPE

Prof.<sup>a</sup> Licene França

Prof. Valdir de Oliveira

Cursos: Educação Física (UCMG)

Ciências Sociais (UFMG)

Titulação: titular I

Membros da equipe: Prof. Valdir de Oliveira

Apoio: Associações Atléticas e Diretórios acadêmicos

## SÍNTESE

A Ed. Física, da Universidade Fumec é orientada por uma linha metodológica Desportiva Sociocultural, tendo como objetivo maior, atingir a totalidade do Ser, formação do aluno como um todo, independente de suas aptidões ou possibilidades como ser ativo, pensante, crítico, social, consideradas as suas especificidades, auxiliando sua preparação como profissionais; criar intercâmbio entre as Unidades da Universidade Fumec através deste projeto; integrar desportiva, sócio e culturalmente a comunidade, motivando a participação dos alunos, professores e funcionários nas atividades; incentivando a criação de grupos esportivos, artísticos, culturais, descobrindo e apoiando lideranças positivas.

A integração e intercâmbio através do esporte especializado amador universitário constitui fonte importante de manifestação social, forte agente preventivo à saúde e ao retardamento do envelhecimento humano.

Os resultados alcançados pelo Projeto desportivo sociocultural se medem, pelas atividades realizadas, considerando-se o número de alunos inscritos. Nas atividades esportivas as equipes competem várias vezes e as assistências são computadas após o término das competições.

# Psicanálise e saúde mental - um relato sobre a presença do Prof. François Sauvagnat na Universidade Fumec

## EQUIPE

Coordenador:

Prof. Sérgio Laia - Professor do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Fumec; Doutor pela Faculdade de Letras da UFMG; psicanalista, Membro Escola Brasileira de Psicanálise e da Association Mondiale de Psychanalyse.

Prof.<sup>a</sup> Lúcia Grossi dos Santos - Professora do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Fumec; Doutora pelo Département de Psychanalyse Université de Paris VII; psicanalista, Aderente da Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise.

Professores participantes: Andrea Mares Guerra, Lúcia Mara Dias e Maria Cristina Bechelany Dutra.

Bolsista de Extensão:

Fernanda Steinmetz

## PALAVRAS-CHAVE

Psicanálise, saúde mental, convênio internacional, estética, psicose, criminologia.

O Projeto de Extensão “Psicanálise e Saúde Mental” constituiu-se a partir de um evento realizado em agosto de 2004, em torno da presença do Professor François Sauvagnat, professor da Université de Rennes II, na Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Fumec (FCH-Fumec). O evento durou uma semana (23 a 27 de agosto), contou com recursos provenientes do Programa de Extensão da Universidade Fumec (ProEX-Fumec) e teve os seguintes desdobramentos:

- 1) realização de três conferências abertas ao grande público;
- 2) discussão de um caso clínico como atividade conjunta com a Clínica do Setor de Psicologia da FCH-Fumec e reservada tanto aos alunos em estágio nesse Setor, quanto aos professores-supervisores dessa Clínica;

3) três reuniões com o grupo de professores pesquisadores cujos projetos se enquadram na temática “Psicanálise e Saúde Mental” e foram pontos de partida para a articulação de Grupos de Pesquisa posteriormente inscritos no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Tecnológico (CNPq);

4) Reuniões com a Diretoria da FCH-Fumec e com a Reitoria da Universidade Fumec para tratar da possibilidade de convênio internacional entre Université de Rennes II e a Universidade Fumec.

As três conferências abertas ao grande público realizaram-se no Auditório Phoenix e, duas delas, devido ao enorme público, com transmissão simultânea para o Auditório da Sala 309 da FCH-Fumec. Importante salientar que esse público foi formado por professores e alunos da Universidade Fumec, mas também por egressos dessa Universidade, por trabalhadores dos Serviços Municipais e Estaduais de Saúde Mental, psicanalistas, estudantes e professores de outras instituições de ensino superior.

A primeira conferência foi intitulada “O tratamento das psicoses”. Nela, o professor Sauvagnat lembrou a posição de Freud e de Lacan sobre a necessidade e a importância de a psicanálise considerar a psicose e, sobretudo com relação a Lacan, formalizar um tratamento possível para os psicóticos. Trabalhou o fenômeno psicótico das alucinações, aproximando-as da “fala interior” presente em qualquer ser falante, mas evidenciando que a diferença é que o psicótico tem a certeza de que um outro fala com ele ou lhe dirige imperativos. As alucinações indicam que, na psicose, a imagem do corpo, a pulsão e a linguagem não estão ligadas. Distinguiu, ainda, a paranóia e a melancolia da esquizofrenia, dizendo que as primeiras são psicoses concordantes e a última é discordante e desenvolveu essa diferença através de exemplos clínicos. Finalmente, abordou as formas de estabilização, ou seja, de amarração entre o imaginário do corpo, o real

da pulsão e a linguagem, através dos tipos de gozo teorizados por Lacan: o gozo do sentido, o gozo fálico e o gozo do outro.

Na segunda conferência, sobre Psicanálise e Criminologia, o professor Sauvagnat mostra que a primeira aplicação da Psicanálise à Criminologia aconteceu em 1897. A Psicanálise é chamada a avaliar a culpabilidade e compreender o motivo do crime. No entanto, a Psicanálise não poderia estar a serviço do Direito. Na sua prática, os psicanalistas podem até ajudar a impedir certas passagens ao ato ou ainda ajudar alguém a sair da delinquência, enquanto que o Direito é, antes de tudo, uma construção social da culpabilidade. A Psicanálise tem uma visão relativista do Direito e, em suas conexões com esse campo, pode se apoiar sobre os conceitos de passagem ao ato e acting out. Para a Psicanálise, então, é preciso entender a função da passagem ao ato e do acting out para o sujeito, deixando ao Direito a delimitação sobre a culpabilidade e a pena. Sauvagnat lembrou também que, no inconsciente, todos somos criminosos e não há limite para a culpabilidade e que, nesse sentido, a referência ao Direito é importante para diferenciar os tipos de culpabilidade e de responsabilização. Finalmente, discutiu-se a passagem ao ato criminoso na psicose e procurou-se investigar as circunstâncias em que ela ocorre e a que ela pretende responder.

A última conferência foi dedicada às relações entre Psicanálise e Estética. Foi feita uma comparação entre o modo como Freud se refere à estética e a maneira como Lacan se relaciona a ela. A ênfase foi dada às relações entre Literatura e Psicanálise, sobretudo no que concerne à articulação entre escritura e técnica psicanalítica. O professor Sauvagnat dedicou-se mais precisamente a extrair da obra de Lacan o que ele chamou de “teorias da escritura”. Uma primeira teoria dos anos 30, extraída do exame dos textos de esquizofrênicos, pode ser nomeada de “a escritura imposta”. Nessa mesma época, Lacan considera uma segunda possibilidade: a escritura surrealista como um jogo de linguagem. Nos anos 50, a teoria da escritura é marcada pelo estruturalismo e sua ênfase na cadeia significante e na ordem simbólica, mas também pela cibernética como modelo do funcionamento simbólico. Uma quarta teoria, designável como “teoria da metáfora paterna”, desenvolve que o próprio significante Nome-do-Pai – enquanto referência identificatória que, por analogia ao que chamamos “nome de família”,

confere lugar ao sujeito no mundo – é uma escritura. Uma quinta teoria, nos anos 70, pensa a escritura como enodamento, ou seja, como um nó que amarra os três registros com que Lacan pretende cingir o que toca aos seres que são perpassados pela linguagem e muitas vezes arrebatados pela satisfação inerente à própria fala. Esses registros são o real, o simbólico e o imaginário. Por fim, haveria um sexto tipo de escritura – o sintoma – e, a partir desse último tipo, Lacan faz, de certa forma, um retorno à idéia de escritura imposta trabalhada inicialmente, mas agora com a possibilidade de essa escritura fazer face à carência simbólica do Nome-do-Pai nas psicoses e mesmo à insuficiência do campo da linguagem e da função da palavra quanto à nomeação da satisfação libidinal que toca o corpo dos seres humanos.

Para essas três conferências, foram convidados ainda psicanalistas e professores cujo trabalho é reconhecido nas áreas abordadas pelos temas das conferências para debaterem as questões: para o tema das psicoses, a psicanalista Elisa Alvenga (Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Association Mondiale de Psychanalyse; Preceptora da Residência de Psiquiatria do Instituto Raul Soares; Doutora pelo Département de Psychanalyse de Paris VIII); para o tema Psicanálise e Criminologia, o professor e psicanalista Célio Garcia (Membro da Escola Brasileira de Psicanálise e da Association Mondiale de Psychanalyse; Doutor pela UFMG); para o tema Psicanálise e Estética, a Zahira Souki (Professora do Curso de Comunicação da FCH-Fumec; Doutora em Estética pela Université de Paris VII). O material referente a essas três Conferências foi transcrito e está sendo revisto para a publicação, em um dossier da Revista Plural (Curso de Psicologia da FCH-Fumec).

Na Sessão Clínica, um estagiário da clínica da Fumec apresentou um caso clínico supervisionado pela professora Lúcia Grossi dos Santos. O caso comportava uma questão sobre a precisão de seu diagnóstico, uma vez que se tratava de uma psicose sem os “fenômenos elementares” que classicamente caracterizam esse quadro clínico. O comentário do professor Sauvagnat enfatizou a questão do desencadeamento discreto, não necessariamente revelado através de “fenômenos elementares” como as alucinações, mas vivido com estranheza pelo sujeito e provocando-lhe certas rupturas na estabilização e na vida.

---

Além das conferências e da discussão de caso clínico, o professor Sauvagnat participou de reuniões com o grupo de professores que desenvolvem pesquisa na área de Psicanálise e Saúde Mental. Nessas reuniões foram discutidos: a questão da metodologia de pesquisa em Psicanálise; o tema das pesquisas já desenvolvidas e ainda em curso, bem como seus impasses e seus resultados; as possibilidades de convênio entre a Université de Rennes II e a Universidade Fumec, sobretudo a partir do Curso de Especialização em Teoria e Prática Psicanálise (programado para 2005), bem como a partir de projetos de intercâmbio discente e docente entre essas duas instituições. Essas possibilidades de convênio, por sua vez, foram objeto de discussão em duas outras reuniões: com a Diretoria da FCH-Fumec e com a Reitoria da Universidade Fumec.

Os contatos com o professor Sauvagnat, mesmo após o final do Projeto de Extensão que o trouxe à Universidade Fumec, continuam sendo mantidos pelos professores Sérgio Laia e Lúcia Grossi. Nesse último janeiro, o professor Célio Garcia, que participa do quadro de docentes do Curso de Especialização em Teoria e Prática Psicanálise da Universidade Fumec, em passagem pela França, foi chamado a intervir no Programa de Pós-graduação da Université de Rennes II a convite do professor Sauvagnat que, mais uma vez, afirmou sua disposição em formalizar um convênio entre sua Universidade e a Fumec. Visando tal formalização, um novo Projeto de evento, envolvendo o Professor Sauvagnat e/ou outro professor da Université de Rennes II, foi elaborado e, caso obtenha junto à FAPEMIG e/ou à Universidade Fumec, recursos para efetivá-lo, poderá acontecer no segundo semestre de 2005.







APOIO:



**FAPEMIG**

Fundação de Amparo à Pesquisa do  
Estado de Minas Gerais



UNIVERSIDADE  
**FUMEC**

*40 Anos*

[www.fumec.br](http://www.fumec.br)

40 ANOS QUE FAZEM DIFERENÇA.